Correio das Artes

ANO LXXVII

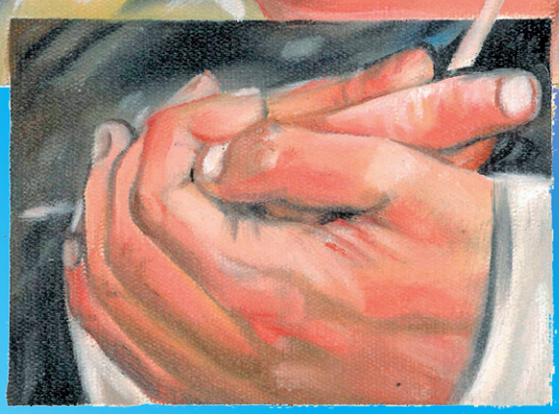
Nº 5

ISSN 1984-7335

R$ 20,00

Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R$ 20,00.





Sob a batuta de Pedro Santos

Quatro décadas após a sua partida, a influência do maestro na arte paraibana merece ser reverenciada

Suplemento literário do Jornal A União

Julho 2026

NOTÍCIA COM **FONTE**,
FATO COM **PROVA**,
INFORMAÇÃO COM
CREDIBILIDADE.

CORREIO DAS ARTES
COM **REGULARIDADE.**

marketing epc/foto: leonardo ariel



ASSINE O JORNAL A UNIÃO E RECEBA MENSALMENTE O MELHOR SUPLEMENTO LITERÁRIO DA PARAÍBA.

83 99117-7042

EDITORIAL

"O santo maestro de *jeans*", chegaram a denominar o regente, gestor acadêmico e incentivador cultural Pedro Pereira dos Santos, que baixou sua batuta no dia 29 de agosto de 1986, deixando de reger a sua vida em prol da cultura paraibana.

Vital para a área musical, sendo professor de muitos maestros e fundando um dos corais mais longevos da Paraíba, Santos foi além: ele desceu do pódio (também chamado de estrado) — aquela pequena plataforma onde rege-se uma orquestra — para investir a sua energia em outras paragens.

Migrou para as trilhas sonoras de importantes produções audiovisuais do estado, tendo uma consciência clara da dimensão do cinema, promovendo cineclubes para os alunos quando era professor. Foi um dos fundadores do Núcleo de Documentação Cinematográfica (Nudoc), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), um dos equipamentos que ajudaram a moldar gerações de realizadores locais.

Pedro Santos também abraçou a dramaturgia em cima de um palco de teatro, contribuindo para a trilha original de muitas montagens, sendo muito requisitado para a essas composições.

Verdadeira investigação jornalística sobre a trajetória do regente, a reportagem orquestrada por Esmejoano Lincol segue uma partitura dramática, procurando por documentos, jornais e depoimentos de familiares e amigos sobre esse manauara, que, na verdade, era um baré que adotou a Paraíba como a sua definitiva *magnum opus*.

Sempre aberto ao conhecimento, era uma pessoa que gostava de agregar não só outras artes, como também juntar as pessoas. Talvez a palavra "maestro", adotada como o sábio, seja a melhor definição para Pedro Santos.

ÍNDICE | DESTAQUES

POÉTICA | 18
Mulherfagia e a escrita afetivo-emancipatória da poeta e ativista paraibana Ângela Pereira

SEM LUTO | 24
Entre o desaparecimento, a memória e o pertencimento em *Caderno de ossos*, obra escrita por Julia Codo

ENSAIO | 30
Passeio pela diversidade dos registros fotográficos de Mônica Câmara, uma cronista do seu próprio tempo

TRIBUTO | 57
Um adeus ao mestre: a importância do jornalista e pesquisador pernambucano Raimundo Carrero

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

Naná Garcez de Castro Dória
Diretora Presidente

William Costa
Diretor de Mídia Impressa

Amanda Mendes Lacerda
Diretora Administrativa, Financeira e de Pessoas

Rui Leitão
Diretor de Rádio e TV

Correio das Artes

Audaci Junior
Editor do Correio das Artes

Lucas Nóbrega e Débora Borges
Diagramação

Tônio
Arte da capa e ilustrações

Esmejoano Lincol
Revisão textual

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de textos, figuras, fotos, ilustrações autorais deste suplemento, sem prévia e expressa autorização da direção do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUVIDORIA: (83) 99143-6762

PABX: (83) 3218-6500
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)
CONTATO: **redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gpv.br**

Artigos e análises críticas, entre outros gêneros textuais, encaminhados para este suplemento literário, com pedido de publicação, devem ter, no máximo, **13 mil toques ou caracteres (com espaço)** ou aproximadamente **2 mil palavras**, na fonte Arial, tamanho 11 (exceto para as seções de poemas, contos, crônicas e ensaios fotográficos). Os textos devem ser **inéditos** e enviados, para avaliação, para o *e-mail* **audaciauniao@gmail.com**. Nosso muito obrigado.

Pedro Santos, o regente da cultura

Há quatro décadas, no final de agosto, o maestro deixou um hiato não apenas na área musical, como também na educação e na produção artística da Paraíba

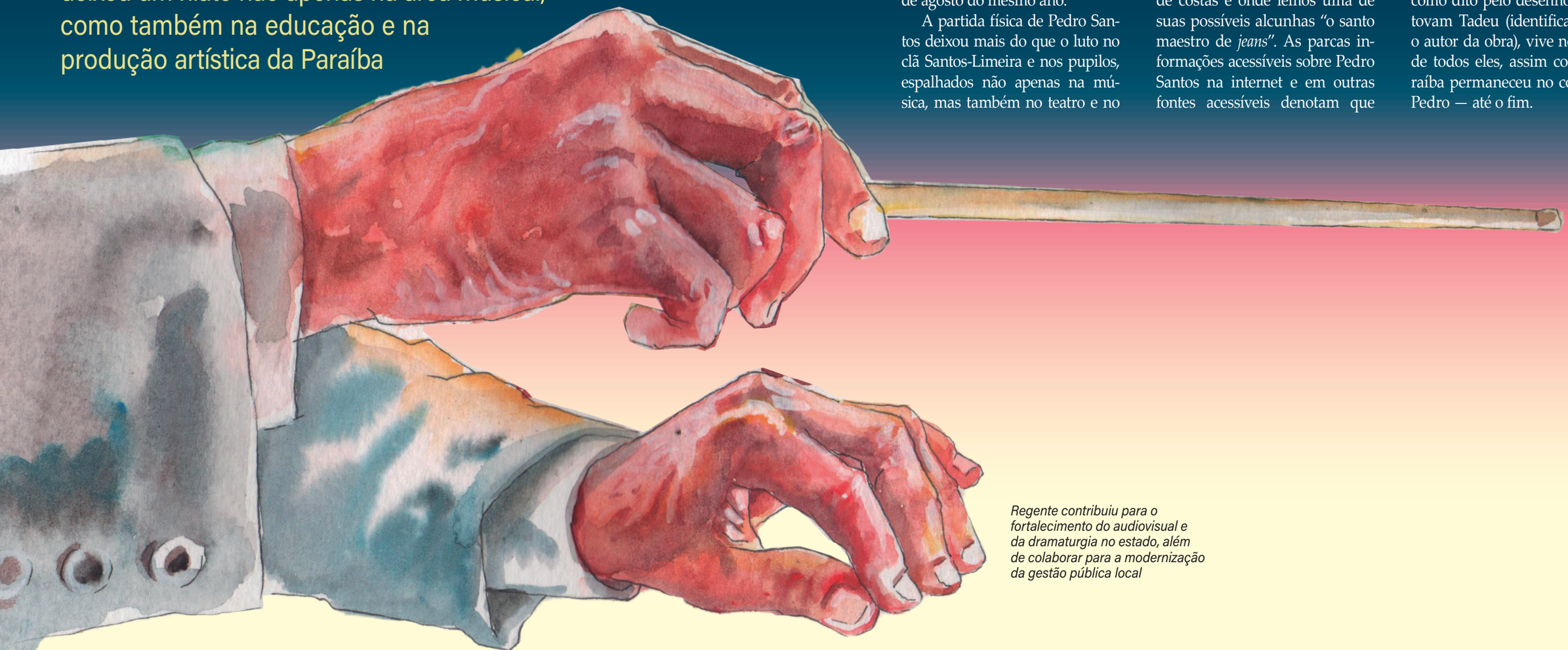
Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Era 1986. O maestro, gestor acadêmico e incentivador cultural Pedro Pereira dos Santos, figura vital para o incremento das artes na Paraíba há pelo menos duas décadas, enfrentava problemas de saúde e se preparava para realizar um transplante de coração em São Paulo. Mas, num dia aparentemente comum, segundo relatos da família, ele comunicou que havia desistido da cirurgia. Insistia, também, para voltar à cidade que o havia acolhido como artista, depois de iniciar sua carreira no estado natal do Amazonas: "Preciso organizar minha família", teria dito, antes de regressar a João Pessoa. Aqui, passou os últimos meses com os filhos e a companheira, a professora e futura literata Dôra Limeira, antes de falecer, em 29 de agosto do mesmo ano.

A partida física de Pedro Santos deixou mais do que o luto no clã Santos-Limeira e nos pupilos, espalhados não apenas na música, mas também no teatro e no cinema. Gerações inteiras de instrumentistas, intérpretes e realizadores foram forjados sob seu olhar — e sua batuta — vanguardista. Mas, no presente, quando da pesquisa para a matéria de capa deste *Correio das Artes*, foi constatado fatos preocupantes. Começamos com uma "ida" ao Google. Ao retroceder nas páginas do maior buscador da internet, notamos que quase a totalidade dos resultados direciona o usuário para um de seus netos, que também assina como Pedro Santos, gestor público na Paraíba; raras são as linhas sobre o parente pioneiro.

Recorremos, em seguida, ao precioso acervo do jornal **A União**, que nos trouxe poucas fotos, marcadas, todavia, por intervenções de estiletes, após sua utilização na antiga diagramação analógica. Uma imagem nos chamou a atenção, a propósito: a caricatura sem assinatura que retrata o músico de costas e onde lemos uma de suas possíveis alcunhas "o santo maestro de *jeans*". As parcas informações acessíveis sobre Pedro Santos na internet e em outras fontes acessíveis denotam que a despeito de sua importância, o currículo e os feitos do mestre não repercutem junto ao público do presente, quatro décadas após a sua morte — motivo que justificaria esta edição, assim como as de outros personagens perfilados neste suplemento.

Na ausência de textos-base e munido de um dos poucos registros audiovisuais do homenageado, o filme *Cinema paraibano: 20 anos* (de Manfredo Caldas, 1982), nos fiamos, nos textos a seguir, às fontes mais fidedignas e humanas possíveis — as pessoas que conviveram com Pedro Santos, que o amaram e que asseveraram, em coro, a sua contribuição para o ecossistema dos grupos vocais no estado, para o fortalecimento da Sétima Arte e da dramaturgia em nosso território e para a modernização da gestão pública local. Cravamos, então, que "o santo maestro de *jeans*", como dito pelo desenho de Cristovam Tadeu (identificado como o autor da obra), vive no coração de todos eles, assim como a Paraíba permaneceu no coração de Pedro — até o fim.



Regente contribuiu para o fortalecimento do audiovisual e da dramaturgia no estado, além de colaborar para a modernização da gestão pública local

Ilustração: Toniô

Início da **carreira** e **família**

Déa Limeira, professora e artista paraibana, lamenta o pouco tempo que pôde conviver com o pai. "Quando ele faleceu, eu tinha apenas 20 anos", afirma ela, que recebeu a reportagem na residência da família, no Bairro dos Bancários, em João Pessoa. As conversas com a filha, em vida, não deram pistas sobre a vida de Pedro Santos antes de chegar à capital da Paraíba. Também por isso, remontar a história do maestro demandou lidarmos com algumas lacunas, sobretudo em relação à sua vida em Manaus — Quando a aptidão para a música surgiu? Quem incentivou você neste segmento? Foi autodidata ou também passou por escolas de formação? Como se tornou maestro? Essas são perguntas que apenas o artista poderia responder.

Nascido em 28 de janeiro de 1932, era filho de Francisco das Chagas Pereira e Raimunda Helena dos Santos. "Numa entrevista, ele disse que não era manauara, era baré, porque era a etnia que ocupava a cidade, né, na época em que ele nasceu. E ele tem essa mistura mesmo. Eu defino meu pai como caboclo, pelo tipo físico dele [pardo]", revela Déa.

Pedro rumou para o Ceará na década de 1950, onde conseguiu a sua primeira grande chance profissional: assumiu um posto no Conservatório Alberto Nepomuceno, em Fortaleza. Lá, o músico conheceu Gerardo Parente, pianista que, logo depois, acabou contratado pela Escola Estadual de Música Anthenor Navarro (Eeman), de João Pessoa, a partir de políticas de incremento do governo da época.

Convidado pela professora Luiza Simões, Pedro Santos fez o mesmo caminho de Gerardo Parente e mudou-se para a Paraíba. De pronto, assumiu as cadeiras de Apreciação, Regência e História de Música na Eeman. Tornou-se maestro da Orquestra Sinfônica da Paraíba (OSPB) no final dos anos 1950, por um curto período; ao ganhar uma bolsa de estudos, foi estudar no Rio de Janeiro, no Conservatório Nacional de Canto Orfeônico (CNCO), retornando a João Pessoa na década de 1960. Déa Limeira acrescenta que, desde o Ceará, o seu pai vinha acumulando diversos cursos de formação em artes e no planejamento escolar e acadêmico: "Na Bahia, ele estudou Regência. E fez um seminário arquidiocesano em Fortaleza, onde se aprofundou em Filosofia e Teologia".

Na segunda permanência em João Pessoa, indo e voltando de outras regiões, regressou ao posto de regente da OSPB, ocupando o cargo até 1965. De forma concomitante, estreitou o seu laço com a academia, tornando-se docente da Universidade de Brasília (UnB) e da Universidade Regional do Nordeste (URNe), esta última viria a se tornar a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); já nos anos 1970, vinculou-se à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), da qual foi professor até o seu falecimento. No começo da década anterior, conheceu Maria das Dores, a Dôra, sua companheira por quase três décadas. Com ela teve cinco filhos — Paulo Aruanda, Maria Déa, Ruth, Raquel e Nara Santos; de outros relacionamentos, vieram Pedro Limeira e Isadora França.

A ausência de Pedro, circulando o país para apresentações e cursos em outros estados, era sentida pela esposa e pela prole. "Porém, uma lembrança muito forte é que quando ele estava presente, a gente cantava muito juntos. Muitas músicas eu aprendi com meu pai, com minha mãe, brincando de cantar, depois do jantar, sentados no terraço. Era algo muito natural essa coisa de fazer segunda voz, harmonizar vozes", recorda. As idas à praia, na capital, também eram marcantes: "Com todo o sacrifício, sem carro... mas pegava táxi, às vezes tinha que ser dois, para caber todo mundo". Numa daquelas viagens, Déa acabou acompanhando o pai até Manaus. "Conheci a família dele de lá, o Rio Amazonas e o encontro das águas", diz.

Inserido também na regência de corais, o maestro não ficou restrito ao (já expansivo) universo da música. Nas próximas páginas, veremos que a visão revolucionária de Pedro Santos o pôs em contato com outras linguagens artísticas, seja por meio da intersecção com a música autoral, seja pelo interesse pessoal dele: "Meu pai era essa pessoa muito aberta ao conhecimento. Hoje, por exemplo, você se aprofunda numa única área. Já ele era uma pessoa que gostava de agregar esses conhecimentos, estar transitando entre eles". Dôra Limeira acabou "contaminada" por esse viés holístico: após a morte do esposo, tornou-se literata e fundou, junto de outros colegas, o Clube do Conto da Paraíba; a sua última obra foi *O afetuoso livro das cartas* (Editora Ideia).

Vivendo as dificuldades financeiras de um casal de professores, Pedro e Dôra custaram a angariar um imóvel próprio. Mas o objetivo foi alcançado. A residência que Déa divide com os filhos e os sobrinhos foi construída dois anos antes da partida do maestro. No terreno, seguem de pé as mangueiras e oliveiras que já estavam por lá quando o casal adquiriu o terreno: "Ele fez questão de escolher um local que não precisasse derrubar as árvores". Dôra permaneceu morando ali até 2015, quando também faleceu. Mas desde antes do desaparecimento dos veteranos, o recanto era um ponto de encontro do clã Santos-Limeira e de confraternização com os amigos e conhecidos. Uma biblioteca reúne, no interior da casa, livros e outras lembranças.

Corroborando com a ideia de que o legado de Pedro Santos merece ser reverenciado e revisitado, Déa Limeira afirma que as "turbulências da adolescência" não permitiram que ela pudesse desvelar mais histórias antigas do pai — algo que se só pode perceber depois de adulta. Mas ela assinala que a aura do maestro baré permanece, principalmente na família. Além de sua irmã, Nara Santos, os filhos e alguns de seus sobrinhos também mantêm carreiras na arte: Ana Regina Limeira, Chico Limeira e Hugo Limeira são três dos representantes das gerações posteriores que "puxaram" ao avô. A herdeira finaliza: "Ele tinha uma visão do humano, né? Para ele, o humano é essa possibilidade de você ter um conhecimento amplo da vida".

Fotos: Arquivo da família





Regente com a gêmeas (E), Ruth e Raquel; e ao lado de Maria das Dores, a Dôra, sua companheira por quase três décadas, e seus cinco filhos — Paulo Aruanda, Nara (no colo da mãe), Déa (com o pai), Ruth e Raquel Santos (D)



Raquel (E) e Maria Déa (D), as filhas do maestro Pedro Santos nos dias de hoje

Fotos: Carla Miranda



"Meu pai era essa pessoa muito aberta ao conhecimento. Hoje, por exemplo, você se aprofunda numa única área. Já ele era uma pessoa que gostava de agregar esses conhecimentos, estar transitando entre eles"

Apoio aos **pupilos**

O trabalho de regência não ficou restrito às orquestras. Um de seus projetos mais longevos e importantes foi o Madrigal Paraíba, exitoso coral fundado nos anos 1970, vinculado ao Governo do Estado e que, após a morte de Pedro Santos, adicionou ao seu título e o nome e sobrenome do mestre. Alguns dos ex-membros seguiram os passos do maestro, na docência e na coordenação de outros grupos vocais. Um deles, Carlos Anísio, professor da UFPB e diretor da orquestra sinfônica da instituição. "Fui cantor do Madrigal de 1979 a 1986. Estivemos juntos em muitos projetos musicais, mas no Coral Telpa, fundado por ele em 1984, tive a primeira experiência profissional como regente, sendo seu maestro assistente", detalha em retrospecto.

A impressão pessoal do ex-aluno, compartilhada entre outros colegas, era a de Pedro como uma pessoa generosa e, sobretudo, inspiradora: "Chegava junto para apoiar, sem que se precisasse pedir. Era culto e politizado, numa época de repressão feroz! Pensava na música como um pretexto para estarmos juntos aprendendo e compartilhando experiências". A orientação pedagógica era, enfim, a característica mais definidora do ex-professor, na opinião de Carlos. "Ficou a sua presença quase que simultânea em tantos lugares, principalmente culturais, da Paraíba. Posso afirmar que minha vida seria totalmente diferente se Pedro Santos não tivesse cruzado meu caminho e influenciado minhas escolhas", resume, com afeto, o gestor da OSUFPB.

Foto: Arquivo da família

Segundo Eduardo Nóbrega, docente na UFPB e um dos idealizadores do Festival de Coros da Paraíba, o Madrigal surgiu de um descontentamento de parte dos membros do Coral Universitário, quando da escolha do regente para uma viagem do conjunto aos Estados Unidos. "Era para ter ido Arlindo Teixeira, mas acabou indo Clóvis Pereira. Metade saiu e convidou Pedro para assumir. E o estado encampou", informa. Para manter a unidade do conjunto, um sucesso nacional, não havia seleções frequentes — os eventuais novos membros eram incorporados por meio de indicação. Com o falecimento do regente em 1986, Tom K (morto há três anos) assumiu o posto, que, em seguida, passou a ser Carlos Anísio, também de acordo com Eduardo.

Nos anos 2000, o Madrigal Paraíba mudou de nome, tornando-se o Coro de Câmara Villa-Lobos. Mas, para Eduardo, o trabalho formidável de Pedro Santos permanece em seu cotidiano. "Se não fosse por ele, eu não teria conhecido a atividade coral. Porque quando a gente está no departamento de música, estudando, você só pensa em instrumento. Ele entrou exatamente nessa hora, para mostrar que havia outras coisas". Mas os ensinamentos de Pedro ultrapassaram a ordem da técnica, ressalta o pupilo: "Porque o conhecimento você adquire, não é verdade? Mas a questão do lidar com as pessoas, de ser humilde, de tratar bem a todos, isso você não aprende na universidade. Isso aí eu aprendi com a minha família e com o maestro Pedro".



Imagem: Divulgação/FMC

Capa do CD duplo Antologia musical — Viva Pedro Santos!, *lançado em 2005*

Luiz Carlos Otávio, regente do Coral Voz Ativa, conheceu o futuro mestre na UFPB, também na década de 1970, época em que ingressou no curso em Educação Artística com ênfase em Música. Ele recorda que "não era do meio artístico", mas que por meio da graduação pôde se enturmar. As lições do "maestro de *jeans*" foram algumas das mais marcantes. "Trabalhava a história e falava sobre a música de uma maneira geral, principalmente a ocidental. Eram aulas comentadas, diálogos e alguns poucos exemplos. Mas ficou para mim aquela figura tão intelectual, com uma cabeça muito boa, um pensamento avançado, de esquerda e muito acessível. Logo depois eu vim saber que ele era um dos grandes maestros da Paraíba", informa.



Foto: Sofia Ferreira/Divulgação



Foto: Célia Leal/Divulgação



Foto: Arquivo pessoal

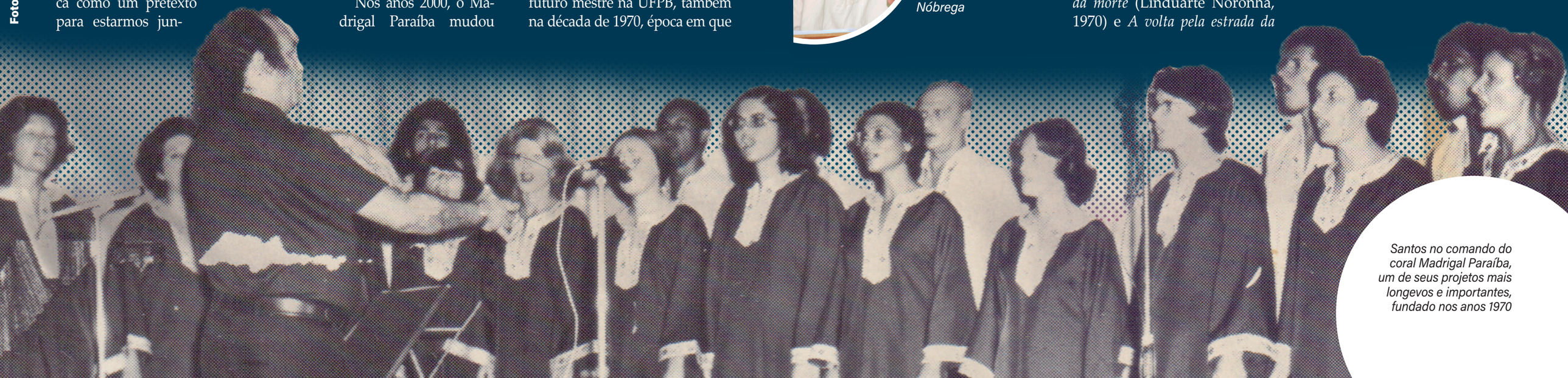
Alunos do mestre (de cima para baixo): os maestros Carlos Anísio, Luiz Carlos Otávio e Eduardo Nóbrega

Tempos depois, o laço se estreitou ainda mais a partir de 1979, ano em que Luiz Carlos também vinculou-se ao Madrigal Paraíba. Quando as dúvidas sobre o futuro da profissão quase abateram o jovem estudante, foi Pedro quem levantou o seu astral. E se havia um vasto conhecimento da música "erudita", o veterano não omitia o saber sobre as manifestações mais populares. "Ele tinha muito respeito pelo 'brega', inclusive isso me impressionou, pois eu era preconceituoso com esse tipo de música", afirma. O timoneiro do Voz Ativa completa: "Pedro me tirou completamente a impressão preconceituosa que eu tinha, do maestro ser aquela figura imponente, acima do bem e do mal. Em vida, ele sempre nos auxiliou no que pôde".

Viva **Pedro!**

As peças autorais de Pedro Santos, compostas, em sua maior parte, entre os anos 1960 e 1970, serviram como trilhas sonoras de filmes e espetáculos teatrais nordestinos. Da Sétima Arte, destacam-se os trabalhos para *Romeiros da guia* (Vladimir Carvalho e João Ramiro Mello, 1962), *Menino de engenho* (Walter Lima Jr., 1965), *O salário da morte* (Linduarte Noronha, 1970) e *A volta pela estrada da violência* (Aécio de Andrade, 1971) — este, o primeiro longa-metragem ficcional do estado de Alagoas. Nos palcos paraibanos, despontam as obras que embalaram textos do dramaturgo Altimar Pimentel, baseados, por sua vez, em manifestações do folclore local: *O auto de Maria Mestra* (1967), *O auto da cobiça* (1970) e *Viva a Nau Catarineta* (1970).

Há, também, canções sacras — para a missa de Nossa Senhora do Carmo de 1966, ele concebeu 10 arranjos. As partituras dessas faixas foram doadas, quando do falecimento de Pedro Santos, em 1986, ao Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da UFPB (Ndihr). No início dos anos 2000, um projeto fez com que a família resgatasse parte do material musical e fotográfico que constava naquele acervo — o CD duplo *Antologia musical — Viva Pedro Santos!*, que chegou a público em 2005, com o apoio do Fundo Municipal de Cultura de João Pessoa (FMC). As peças foram revisitadas, em novas gravações, por grupos contemporâneos, a exemplo da Coral Voz Ativa e o Coro Villa-Lobos (ex-Madrigal), sob a coordenação de Carlos Anísio.



Santos no comando do coral Madrigal Paraíba, um de seus projetos mais longevos e importantes, fundado nos anos 1970

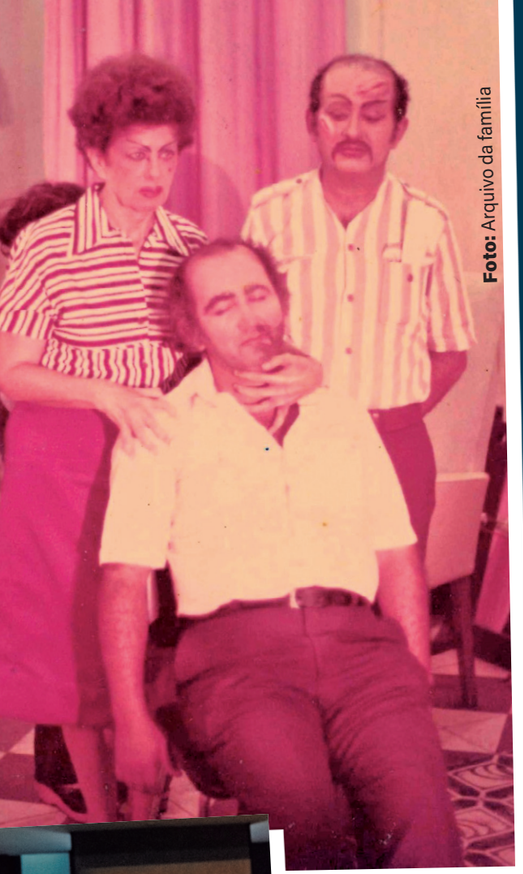
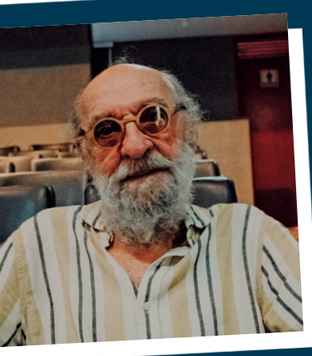


Foto: Arquivo da família





Fotos: Gustavo Mikaell/Divulgação

De cima para baixo: Santos nos bastidores do teatro; os amigos do maestro, Zezita Matos e Fernando Teixeira: o nome dele não pode ser desvinculado do histórico da trajetória teatral das décadas 1960 e 1970

“Esse aqui **promete**”

A aproximação de Pedro Santos com outros setores da cultura, deu-se, primeiro, pela dramaturgia. O maestro ensaiava com frequência nas dependências do Teatro Santa Roza, na capital, espaço em que circulavam, nos anos 1950, jovens que ganhariam evidência regional e nacional nas décadas seguintes — Breno de Mattos, Elpídio Navarro, Lucy Camelo e, sobretudo, Paulo Pontes. A amizade com militantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB) também propiciou contatos. Quando de sua passagem pelo Rio de Janeiro, compôs a sua primeira trilha sonora para este segmento — o infantojuvenil *Joãozinho anda pra trás*, de Rubens Teixeira. No retorno à Paraíba, manteve vínculo estreito com Altimar Pimentel, autor das peças citadas anteriormente.

A atriz Zezita Matos rememora que conheceu Pedro no período em que ele foi professor do Liceu Paraibano, em João Pessoa. A veterana explica que o maestro não foi formalmente associado ao PCB, mas que incentivava os jovens a engajarem-se nos movimentos estudantis; Zezita, por sua vez, foi militante, participando direta ou indiretamente de coletivos, como as Ligas Camponesas, sendo perseguida por isso, como nos revelou na edição anterior do *Correio das Artes*. “Estávamos num ótimo período para as artes, inclusive o teatro naquele momento, com um grande crescimento do trabalho de grupos. A nossa amizade foi crescendo na arte teatral e musical, até aparecerem nossos primeiros rebentos”, acrescentou a artista, agora.

Muito requisitado para a composição de peças originais, Pedro acabava indicando outros colegas quando a demanda estava alta, também conforme Zezita Matos. Todavia, ele endossou boa parte das iniciativas do período: “O nome de Pedro Santos não pode ser desvinculado do histórico da trajetória teatral das décadas 1960 e 1970. Mesmo durante o período do malfadado golpe militar, não paramos de criar nossos espetáculos”. Ainda no mesmo número do *Correio das Artes*, Fernando Teixeira, também ator, contou que recebeu um grande incentivo do maestro, quando da estreia de *O capitão e o cabra*, texto de Luís Maranhão Filho, em 1966. Ao final da apresentação, o maestro subiu ao palco e disse: “Esse aqui promete”, indicando o intérprete.

Geração **Super 8**

Os jovens entusiastas da cultura ganhavam, na capital, a companhia frequente de Pedro Santos. Antes da deflagração do Golpe de 64, ele mesmo impulsionou o cineclube do Liceu, ajudando os alunos a criarem o “clima” da sala, tapando as janelas do auditório da instituição com sacos de cimentos, para evitar que a claridade do sol atrapalhasse as sessões. Segundo o realizador Torquato Joel, o maestro foi um “guru” para muitos dos adolescentes que enveredaram neste ofício, na década seguinte: “Pedro tinha uma consciência clara da dimensão do cinema, da importância dele para um estado como a Paraíba. Ele lutou muito para que as instituições nos acolhessem, tendo em vista que era impraticável viver de cinema — e ainda é”.

Pedro foi um dos fundadores do Núcleo de Documentação Cinematográfica (Nudoc), da UFPB, que atua na difusão e na salvaguarda de projetos audiovisuais até hoje. Por meio deste equipamento, foi firmado um importante convênio com o Ateliers Varan, instituição francesa criada pelos cineastas Jean Rouch e Jacques d’Arthuys, com o intuito de formar realizadores. Foram selecionados estudantes paraibanos que, a partir de 1979, seguiram para intercâmbios em Paris. Além de Torquato Joel, Bertrand Lira esteve presente em uma das primeiras turmas: “Na filosofia de Rouch, qualquer pessoa poderia se expressar através do cinema, desde que tivesse um mínimo de formação em cinema direto [estilo documental que prega a não interferência da equipe]”.

Mediante esse conhecimento e munidos da comodidade precipitada pelas câmeras Super 8 (que comportam um negativo menor e mais barato) o grupo passou a conceber, na Paraíba, uma série de curtas-metragens emblemáticos, que perfizeram a chamada “Onda de filmes *queer*”, termo que adjetiva, no presente, essas produções com base em sua temática, explorando questões de gênero e sexualidade. O professor e quadrinista Henrique Magalhães, outro integrante da turma, dirigiu *Era vermelho o seu batom* (1983): “[Os filmes] foram de um impacto muito grande na cultura local. E nunca houve conflito com a universidade ou com Pedro Santos. Ele não era o tipo de pessoa que contestava ou reprimia qualquer tipo de expressão”.

Junto das colegas Antônia Ágape e Elisa Cabral, Vânia Perazzo, que também atuou como docente na UFPB, foi uma das pioneiras do cinema paraibano, na virada dos anos 1970 para 80; as duas últimas fizeram parte de uma das turmas de intercâmbio na França: “Havia outras mulheres também e até um pessoal mais jovem do que eu. Mas a questão é que muita gente não aceitava a metodologia do cinema direto e abandonava o curso. Eu fui ficando. Devo a Pedro este pontapé inicial na minha carreira”. Boa parte desses filmes foi relançada em cópias telecinadas, nos anos 2000. Em 2024, os curtas-metragens de Vânia Perazzo e outros cinco títulos que compõem a “Onda *queer*” ganharam restauração em 2K, por meio do coletivo Cinelimite.

Em reverência ao incentivo dado ao cinema paraibano e em tributo aos 40 anos do seu falecimento, Pedro Santos será um dos homenageados do 21º Fest Aruanda do Audiovisual Internacional da Paraíba, que acontecerá no mês de dezembro, em João Pessoa. Lúcio Vilar, idealizador do evento, ressalta que, para além da efeméride, é dever do estado manter viva a memória e o legado do maestro: “Ele fez em uma trajetória cultural e artística multidisciplinar, por excelência; o Fest Aruanda sente-se honrado em tomar essa iniciativa e jogar luzes especialmente em sua contribuição ao cinema paraibano”.



Foto: Kio Lima/Divulgação

Cineasta Torquato Joel



Foto: Carlos Rodrigo

Realizadora Vânia Perazzo



Foto: João Pedrosa/Arq. A União

Lúcio Vilar, do Fest Aruanda



Foto: Reprodução/Cinelimite



Foto: Bertrand Lira/Reprod.

Acima, cena do curta Era vermelho o seu batom *(1983); ao lado, Santos em reunião com os cineatsas no Nudoc*

Fala, Pedro

O acervo da família Santos-Limeira, reabastecido nos anos 2000 com as fotos que outrora estiveram no acervo do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da UFPB (Ndihr), ajuda a compor este *Correio das Artes*. A já citada caricatura de Cristovam Tadeu (1962–2017), que assinala o apelido do artista (despojado de vaidades, segundo os mais chegados), foi utilizada no "santinho" que circulou nos eventos de reverência ao maestro, após a sua morte. Recortes de veículos impressos repercutiram o trabalho dele. Um "presente" de Manaus, cravava reportagem do *Jornal da Paraíba*, em fevereiro de 1976; Pedro, então maestro do coral da Fundação Ernani Sátyro (Funes), já acalentava o desejo de criar um grupo vocal nos moldes do Madrigal.

A antologia *Cadernos de textos*, com depoimentos e correspondências pessoais de Pedro, destinadas a amigos e a familiares, foi publicada em 1995, por meio de iniciativa do Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA), da UFPB. O projeto contou com a curadoria do professor João de Lima, que chegou a produzir, décadas mais tarde, o roteiro de um telefilme sobre o maestro, empreitada, que pode ganhar, agora, um "esquenta", em formato de curta-metragem: "[Reuni, na época] A dimensão pessoal, que encontrei nas cartas de família e profissionais, a dimensão pedagógica do trabalho de ensino da música, no contexto brasileiro, e a incansável luta para criar artisticamente em um contexto de muita adversidade, no cinema e na música".

Na impossibilidade de entrevistarmos o próprio Pedro Santos, as cartas suprem parcialmente essa lacuna do *Correios das Artes*. Em junho de 1971, o maestro escreveu a Dôra Limeira do Rio de Janeiro, mostrando-se pesaroso por sua situação financeira e pessimista, ao analisar as condições da categoria: "Pra músico no Brasil, só há um destino — ser professor de outros que serão professores de professores e assim até não sei quando. [...] Esse negócio de estar apenas ganhando pra sobreviver não dá pé. Fico sofrendo quando não posso dar uma bicicleta a Aruanda e Maria Déa. Sei que eles precisam. [...] Sei que eles não precisam só de comer. Não quero ficar rico. Quero somente esse mínimo. Mas até esse mínimo, é tão duro...".

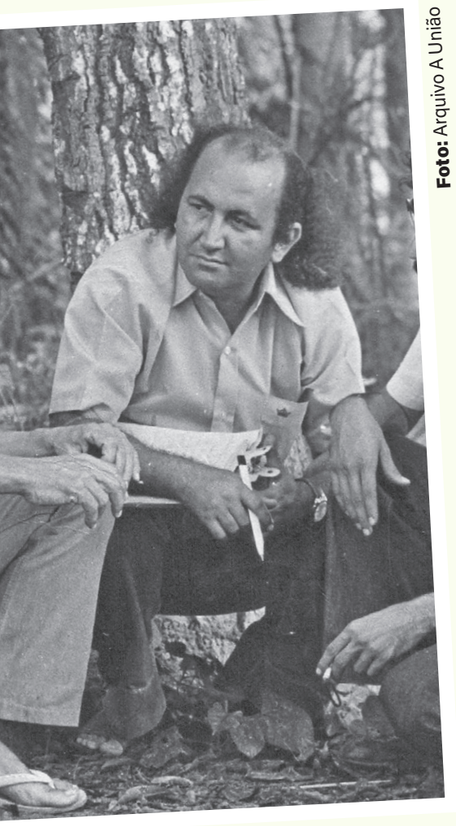
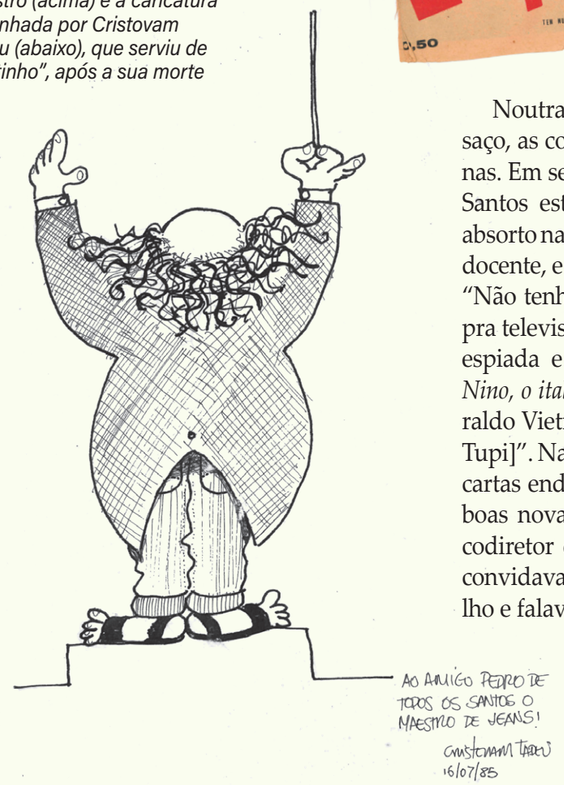


Foto: Arquivo A União



Imagens: Arquivo da família

Algumas publicações sobre o maestro (acima) e a caricatura desenhada por Cristovam Tadeu (abaixo), que serviu de "santinho", após a sua morte



Noutras datas, apesar do cansaço, as conversas são mais amenas. Em setembro de 1970, Pedro Santos estava em Brasília (DF), absorto nas suas obrigações como docente, e relatava para a esposa: "Não tenho tido tempo de olhar pra televisão. Outro dia, dei uma espiada e vi um pedacinho de *Nino, o italianinho* [novela de Geraldo Vietri, em exibição pela TV Tupi]". Na mesma compilação há cartas endereçadas a Pedro, com boas novas. João Ramiro Mello, codiretor de *Romeiros da Guia*, o convidava para um novo trabalho e falava da música concebida para este curta: "Onde o filme é exibido, todos saem cantando o 'Eu vou'. Quando me perguntam quem é o Pedro Santos eu digo que é um novo compositor de músicas cinematográficas do moderno cinema nacional".

Além de oportunizar o estágio na UFPB, o próprio Pedro Santos também integrou o estágio no Ateliers Varan, em Paris, produzindo, como realizador, *La crise est mondiale* (1980), uma espécie de "cartão-postal" em vídeo. O texto narrado pelo maestro na fita consta reproduzido na plaquete do CCTA, dando conta de sua experiência na Europa e relatando uma Paris multicultural, mas com os mesmos problemas de hoje: "Asiáticos, africanos, alguns americanos. Em certo momento, essa união de obra abundante e barata foi desejada para trabalhos mais vulgares. Face à crise, se torna uma presença incômoda. A crise europeia, mais me parece, é o próprio homem em uma aguda crise histórica, que gera sentimentos de discriminação e xenofobia".

O segundo número da revista *Edição Extra* trouxe, em agosto de 1971, uma descontraída entrevista com Pedro. Os interlocutores eram jovens escritores e produtores culturais que, nos anos seguintes, continuariam nestes segmentos na Paraíba — três deles, Carlos Aranha, Anco Márcio e Alarico Correia Neto: "Um cabelo que só cresce na traseira em contraposição à sua personalidade, que cresce na dianteira", eles brincaram, na introdução. Em trânsito, naquela época, entre a capital da Paraíba e a Brasília, ele explicou o motivo de sua eventual ausência: "A gente chega a um ponto em João Pessoa que a cidade cria uma barreira, o mercado fica tomado. Não se propõe nada porque ninguém tem ânimo para propor".

Também na *Edição Extra*, Pedro revelou outro de seus longevos problemas de saúde — a vesícula, que operou, finalmente, meses antes de sua partida. Ele opinou, ainda, sobre outros tópicos. Falando da música armorial, gênero difundido pelo movimento homônimo criado, em Recife (PE), pelo paraibano Ariano Suassuna, ele indica, nas entrelinhas que os sons produzidos pelos colegas não se atentaram para a renovação da linguagem musical: "Não interessa mais o trabalho em cima de um tema". "Se não fosse Pedro Santos, queria ser quem?", questiona, enfim, um dos rapazes. "Digo logo quem não queria ser: Flávio Cavalcanti. Chacrinha eu queria ser", disse o veterano, mencionando dois dos apresentadores de TV mais populares da época.

Fotos: Arquivo da família





Santos em entrevista para a revista Edição Extra, *em agosto de 1971: "Chacrinha eu queria ser"*

Pedra da **cultura**

Há 27 anos, um novo grupo vocal atua com o nome do maestro baré: o Coral Pedro Santos, da Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB). A iniciativa conta, atualmente, com 25 integrantes mulheres, todas servidoras da casa, com a adição de algumas integrantes de fora, sob a regência de Socorro Estrela e Ariadne Lima. Em 2002, elas lançaram o seu primeiro CD, *Forrofiando*, e seguem desde então, participando de cantatas e festivais dentro e fora da Paraíba. "Os ensaios e apresentações são semanais, pois sempre tem sessão solene na AL [das quais participamos]. Infelizmente, não conheci o maestro Pedro Santos, mas o nome do coral foi escolhido pela importância dele no movimento coral na Paraíba", destaca Socorro.

Mesmo sem ter convivido com ele, novas gerações da família de Pedro também levam a cabo trajetórias na música. Ana Regina Limeira recorda outro dos apelidos do avô: "O maestro de batuta de ouro e sandália de couro". "[Isso representava] A soma do popular e erudito no seu trabalho. Isso é o que mais me chama atenção, o seu vínculo com a cultura popular dentro do seu desenvolvimento como maestro, arranjador", destaca. A cantora e compositora adiciona que, ressalvadas as escolhas individuais de cada um deles, o "sangue" acaba falando mais alto: "Nascemos cantando. A literatura foi um encontro que minha avó [Dôra Limeira] aprofundou mais tarde, mas a música é da essência de nossa família".

Guga Limeira, aponta que Ivo, seu irmão mais novo, foi o primeiro neto, depois de Pedro, a assumir um cargo público como professor de Música, a partir da graduação, concluída anos antes. Ele ressalta que trilha caminho similar ao do parente, atuando — e militando — em segmentos distintos das artes, além do trabalho mais aprofundado com a voz. "Minha mãe e minhas tias todas cantaram em coral a vida inteira e um dos braços do meu trabalho musical é com harmonia vocal. Isso, talvez, eu possa dizer que seja uma característica em comum também". O intérprete faz questão de asseverar a influência da avó na constituição da verve cultural da família e do próprio Pedro: "O trajeto dele não teria sido o mesmo se não fosse ela".

A reportagem quis ouvir, por fim, o homônimo do maestro. O batismo-homenagem, que, num nível mais óbvio, ressalta a trajetória do avô, mantém, também, a origem bíblica do nome: "*Pétros*, que é 'pedra', em grego". Pedro Santos, o neto, ressalta que as lacunas em torno da biografia do maestro também são um tópico frequente na família e que a reconstituição dos "causos" vem do "mosaico" montado pelas conversas com conhecidos. Em suas viagens como gestor público, ele costuma ouvir histórias do veterano, que partiu menos de um ano antes do seu nascimento, em 1987: "Em Cajazeiras, Taperoá, Campina Grande, Areia, Itabaiana, diversas cidades compartilham episódios da passagem dele nesses lugares".

As (re)descobertas sobre a vida de Pedro, o avô, também apontam para informações pouco difundidas: a existência de um aboio, composto por ele e gravado por Elba Ramalho, em um disco de 2000. "Não por acaso, sempre que posso, eu também canto: 'Minha mãe quando eu morrer / Me cubra com seu véu / E em cima da minha cova / Ponha o gibão e o chapéu / Que é pra eu cantar aboio / Nas vaquejadas do céu'".

As impressões finais sobre o perfilado se repetem aqui, corroborando todos os depoimentos da edição: "Ele soube transitar entre o erudito e o popular, compartilhou conhecimento, possibilitou a formação estética e humana de toda uma geração", conclui o neto, sobre essa "pedra" fundamental para a nossa cultura.

Esmejoano Lincol, é repórter cultural do jornal **A União** e revisor do *Correio das Artes*. Também é mestre em Comunicação pela UFPB e graduando em Cinema e Audiovisual na mesma instituição. Mora em Rio Tinto (PB).



Foto: Arquivo pessoal/Socorro Lira

Coral Pedro Santos, da ALPB, que conta com 25 integrantes mulheres



Foto: Roberto Guedes



Foto: Cláudia Silva Oliveira/Divulgação



Foto: Kecia Andrade/Divulgação

Netos do regente (da esq. para dir.): o gestor público Pedro Santos; e os cantores e compositores Ana Regina Limeira e Guga Limeira



Foto: Arquivo da família

Poemas de

Giulliana **V asconcelos**

O futuro

O futuro chegou
de si mesmo pulou
e caiu à frente
rente,
quebrando corrente
e passando no sinal vermelho.

Em bom tom
ouve-se alguém gritar "cuidado!"
Em som exasperado
pulou mais uma vez,
desta vez
pulou o minuto seguinte
ralou-se no presente
e sentiu,
mas preferiu continuar
não enxergou o sorriso,
a lágrima ou o suor que o fez caminhar
nem teve tempo da dor passar.

Mais um pulo
e no erro de cálculo
no caos primordial,
das válvulas do tempo,
Ele esbarrou em humanos obstáculos
e Chronos com seu oráculo
a contento
e de foice na mão
fez-lhe perder os minutos seguintes
e sua servil ambição.



Ilustração: Tônio

Desabafo

escafandros solitudes
emergem sentimentos
e o anseio da vida
naufraga em teu seio.

Fatura

A fatura do verso venceu
nos ingênuos olhos
de quem o concebeu.
E por sua vez aberta ao mundo
palpável, clareia lúcida
sua incrível trajetória.

Saudade

Acordei no meio de uma saudade
que poderia ser inventada
se não tivesse morada no peito,
a estrutura estava pronta
posta sobre a mesa
ousei degustá-la
e o fel consumiu meus lamentos.
sua incrível trajetória.

Giulliana Silva de Vasconcelos é natural de João Pessoa (PB), formada em Comunicação Social (bacharelado em Relações Públicas) e Licenciada em Letras Português (ambas na UFPB), tendo recebido o prêmio Láurea Acadêmica, em 1º lugar no curso de Letras (2022), especialista em Teoria Literária, Literatura Comparada, Docência do Ensino Superior e Psicomotricidade.





Renálide Carvalho
rcmfabricio@gmail.com

A **poética** da **troca** de **pele**

Mulherfagia e a escrita **afetivo-emancipatória** de **Ângela Pereira**

A literatura contemporânea produzida na Paraíba tem sido palco de vozes que transformam a palavra escrita em um território de cura, denúncia e refundação de identidades. Neste movimento, encontra-se a poeta, acadêmica e ativista paraibana, Ângela Pereira.

Com uma trajetória intelectual robusta — que transita pela fisioterapia, pelo serviço social, pelo desenvolvimento agrário e pela saúde pública, em instituições como a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e a Fiocruz —, a autora "paraibucana", neta e filha de pernambucanos, protegida por Oyá e Ogum, ariana com ascendente em gêmeos, lua em libra e meio céu em aquário, como ela mesma nos afirma, costura sua vivência periférica e sua ancestralidade na matéria-prima da sua criação.

O resultado mais potente dessa encruzilhada entre a vida e a arte é sua obra *Mulherfagia*, um livro que se recusa a ser estático e que convida o leitor a um mergulho profundo no organismo da mulher negra. Neste mês, em que o Movimento de Mulheres Negras celebra o Julho das Pretas, com marco principal no dia 25, e reverencia, a um só tempo, o Dia Internacional da Mulher Negra Afro-Latino-Americana e Caribenha e o Dia Nacional de Tereza de Benguela, líder quilombola que comandou o Quilombo do Piolho, no Mato Grosso, no século 18, escolhi trazer às(aos) leitoras(es) a força poética dessa minha contemporânea, artista da qual tenho muito orgulho e a quem honro e admiro pela trajetória inspiradora e potente.



Obra de Ângela opera na lógica das nuances e das simultaneidades que habitam o corpo-existência de seus "eus" líricos, fala de transformações, metamorfoses de um ser feminino inquieto, voraz, plural e sedento de autodescoberta, verdade e liberdade

Imagem: Reprodução/Instagram

Mulherfagia opera na lógica das nuances e das simultaneidades que habitam o corpo-existência de seus "eus" líricos, fala de transformações, metamorfoses de um ser feminino inquieto, voraz, plural e sedento de autodescoberta, verdade e liberdade. A obra se estrutura em três seções fundamentais — "Descasulando", "Processo" e "Identidade" —, cada parte dessa é inaugurada por um miniconto visceral que prepara o terreno para uma poesia iconoclasta, que passeia entre versos livres e a precisão cirúrgica de *haicais* ou "poemas pílula".

Um dos eixos centrais do livro é a metáfora da metamorfose, expressa na figura da serpente e no conceito biológico da ecdíase — o ato de abandonar a velha pele para poder crescer, mudar, transformar-se, percorrer novos caminhos. Longe de carregar o estigma judaico-cristão da tentação ou do pecado, a serpente, em Ângela Pereira, resgata os mistérios da energia Kundalini, simbolizando a sabedoria, a paciência, a observação e a necessidade de manter a coluna ereta e forte diante de uma sociedade que testa a existência das mulheres a todo instante. Esse "descasular" não é um evento isolado com fim determinado, mas um movimento contínuo que acontece "ao mesmo tempo agora", refletindo a complexidade de uma subjetividade que encontra sua força justamente na coragem de expor suas fragilidades e de encontrar a si e as suas semelhantes em suas milhares de facetas femininas.

Um dos pontos mais luminosos de *Mulherfagia* é a recusa em reduzir a história do povo negro e, especificamente, da mulher negra, aos marcos coloniais da escravização, da dor e da violência. Embora a obra seja um manifesto de denúncia contundente contra o racismo estrutural e o machismo — desferindo verdadeiros "socos no estômago" na seção dedicada à identidade —, ela se ancora na capacidade histórica de reinvenção.

A poética de Ângela evoca o conceito do *adinkra* Sankofa dos povos Akan — o olhar para o passado para resgatar o presente, e reaviva o quilombo como um lugar de valorização do afeto, da solidariedade revolucionária, da democracia e da resistência. O quilombo na obra não é apenas um refúgio geográfico de fuga, mas um modelo de civilidade, o lugar onde o povo negro aprendeu a fazer democracia, a partilhar e a cultivar uma relação harmoniosa e divina com a natureza, a fazer política no melhor de seus sentidos. Essa cosmovisão é atravessada por uma espiritualidade viva e protetora, onde a autora se enuncia orgulhosamente como filha e protegida de Oyá (Iansã), a senhora das tempestades e dos ventos da mudança, e de Ogum, orixá que é arquétipo da abertura de caminhos e da proteção.

A sociedade atribui, historicamente, à mulher negra um papel de guerreira, contudo, sabemos, que muitas vezes, esse é um lugar de sobrecarga para nós, pois ninguém consegue ser guerreira o tempo todo, e o livro compreende isso com enorme delicadeza. Ao lado dos clamores de revolta por justiça social, *Mulherfagia* abre janelas para o silêncio, para o autocuidado e para o erotismo. Através de poemas dedicados ao afeto, ao desejo e à partilha mútua, os "eus" criados por Ângela Pereira reivindicam o direito ao gozo e à humanização dos corpos negros, historicamente hiperssexualizados ou submetidos apenas ao desgaste do trabalho.

Em *Mulherfagia*, escrever também se torna um ato de imortalidade e de compromisso ético com o tempo presente. Diante de um sistema estruturado para silenciar e apagar trajetórias periféricas, a publicação de uma obra como essa ecoa a máxima de Conceição Evaristo: "Eles combinaram de nos matar e a gente combinamos de não morrer". Dedicado às mulheres que a nutriram — com uma menção tocante à sua mãe, que a ensinou a encapar livros na infância —, a obra de Ângela Pereira deixa de ser uma biografia individual para se tornar uma herança coletiva.

Ao dialogar com a estética do modernismo brasileiro e ao mesmo tempo fincar os pés na urgência do ativismo negro feminino contemporâneo, *Mulherfagia* atua como um espelho, pois permite que outras meninas e mulheres negras olhem para as páginas e descubram que seu destino, como bem lembra a filosofia musical de Mateus Aleluia, não é a subalternidade imposta, mas a vitória inevitável, que é vocação de nosso povo negro.

Para deleite e enriquecimento das (os) leitoras(es), deixo um gostinho da escrita de Ângela Pereira, com poemas que dilaceram verdades e nos colocam de frente para um espelho ancestralmente atual.

Renálide Carvalho, natural de Jacaraú (PB), é escritora, atriz e educadora negra, feminista, militante dos movimentos sociais e da negritude.

Mulherfagia

Ando com uma fome insaciável.
Quanto mais passam por meus dentes
Verdades ditas lá fora sobre como devo ser
Mais me acomete a vontade de comer-me
Devorar-me.
Porque sou construção de um mundo de
Verdades que a mim não pertencem
Eu-mulher

A cada mordida.
A cada saliva que molha minha carne
E as ideias que a ela dão vida
Mais tenho fome
Entre uma mordida e outra
Dou-me conta: "não és, meu bem, a mesma mulher"
Respiro histórias como as minhas.
Ganho fôlego para seguir dilacerando verdades
Que não são minhas

20 de agosto de 2012



Imagem: Reprodução/Triluna

Voa Passarinho ...

A porta está escancarada…
Voa passarinho…

A minha casa é a natureza

E o nosso maior sonho
É a liberdade.

22 de abril de 2011.

Imparável

Nessa mulher aqui, nada fica parado
Mudei da mulher que me criaram
E da mulher que eu mesma criei
E nem tenho a prepotência de me achar feita
Porque de novo revirarei

Quatro décadas de revoluções:
Feto
Crias
Polegar na boca no canto da sala
Olhar atento
Mundo a brilhar
Andarilhar
Sem medo a desbravar
Solitude
Nutrição
Mas comunhão
Afeto e mão na mão
E a certeza que
Muitas revoluções virão!

8 de março de 2023.
Dia das Lutas das Mulheres.

Tempo de serpente

Sabe quando não se vê mais as coisas com olhos pueris?

Nem se enxerga o mundo com desalento ?
As cores não mais se vê alvoroçadamente
Mas elas lá brilhantes estão?

Chegou o tempo da Serpente.
Insultado por Saturno.
E atiçado por Escorpião
Pôs a vida pelo avesso
Enfiou as garras por dentro
Revirando as vísceras
Para o mal- me- quer- bem

Ofiolia? Sim! Atração
É tempo de volúpia, morte- vida, cura e renascimento
Pele nova em cima da pele nem tão velha.

Kundalini subindo
É tempo de serpente
Corpo no chão, firme
Rastejando,languidamente esperta.
É tempo de assertividade
Resiliência, sagacidade e sabedoria
É tempo de picar quando se é atacado
e sem dó deixar veneno
Mas é tempo sobretudo de envolver
A quem se deixa seduzir.

29 de julho de 2014.

2.000 Gatos

Cláudio Feldman
Especial para o *Correio das Artes*



Ilustração: Tônio

I

A cidade de Barranco começou a ser infiltrada por ratos, atraídos pelos silos abarrotados de cereais, principal produção do município, e, obviamente, pelas próprias plantações.

Só que na região, por azar, havia pouquíssimos gatos.

O prefeito, Geraldo Siqueira, ao invés de combater a praga com controle químico e mecânico, como iscas raticidas e armadilhas, resolveu enfrentá-la com uma providência algo insólita: trazendo de fora muitos "miaus" para aumentar a população felina.

O encarregado da operação, Tibúrcio Serafim, escolhido por ser um notório faz-tudo municipal, obteve uma carta branca para agir.

Reuniu, então, sua equipe, sob a divisa: "Gatos de Qualquer Maneira", ou seja, comprar, pedir, trocar, roubar.

Levava alguma verba (não muita, pois Barranco era só um lugar mediano) e, com ela, adquiriu animais de qualidade de seus criadores.

Quando o dinheiro sumiu, passou a oferecer sacos de cereais em troca dos bichos, com pouca repercussão.

A maior parte teria que ser conseguida fora da lei.

II

Como ladrões, de madrugada, Tibúrcio e seus cúmplices começaram a vasculhar telhados e becos à cata de felinos.

Às vezes topavam com assaltantes de outras espécies e tinham que explicar que não eram concorrentes, a fim de evitar conflitos.

Utilizando laços, *spray* narcotizante, arapucas e até mãos, tudo valia, se resultasse.

Quando uma caravana saía de uma cidade, ao amanhecer, deixava muitos donos de bichanos em lágrimas.

De vez em quando alguém da equipe tiburciana era preso em flagrante e, conforme combinação prévia, não denunciava o projeto: apenas fingia-se de louco, insistindo que era maníaco por gatos.

Geralmente era solto e expulso da urbe; do contrário, fugia do hospício, à noite, carregando, se possível, algum gato do estabelecimento.

III

Em algumas semanas, Tibúrcio & Cia. conseguiram contrabandear para Barranco 2.000 bigodudos de todas as raças, cores, tamanhos e caráter.

Os felinos reagiram de diversos modos, no exílio: uns aceitaram seu novo destino, ronronando, para a alegria das crianças; outros, revoltaram-se, desprezando seus donos e até arranhando-os; e, ainda outros, fugiam para o mato, onde se tornavam minijaguatiricas.

Os adaptáveis, acima da média, trabalharam vigorosamente contra os ratos, comendo-os ou brincando com eles até o abate, diminuindo os predadores de cereais.

Os recalcitrantes só abordavam os inimigos num último recurso: fome extrema ou ameaça dos seus possuidores.

De qualquer modo, após razoável tempo, Barranco atingiu a taxa zero de rataria.

Victoria! Vitória!

IV

No ano seguinte, o prefeito Geraldo Siqueira quis comemorar o primeiro aniversário do município, sem ratos, e chamou seu vice, Candinho.

Este, ar preocupado, impediu que seu chefe abrisse o champanha.

E justificou:

— Amigo, se a população de gatos e seus familiares continuar neste ritmo, daqui a pouco poderá alcançar a humana.

O prefeito, surpreso por não ter notado o fato, guardou a bebida na geladeira.

E o vice não o poupou, em seguida, de outra bomba:

— E a operação felina, na perspectiva do tempo, deixou nossas finanças abaladas.

— Eu já pressentia isto, Candinho. Está faltando papel higiênico na Câmara Municipal.

— Mas se me permite, Geraldo, acho que tenho uma solução para resolver ambos os problemas...

— E qual é?

O vice fez silêncio por momentos, para aumentar o suspense e realçar sua brilhante ideia, e disse:

— Vamos abrir em Barranco uma fábrica de tamborins!

Cláudio Feldman é professor aposentado de Língua & Literatura e autor de 62 livros; o mais recente é *Os 70 ausentes de Pedra Branca* (contos), da Editora Taturana.

As **memórias** dos **ossos**

Entre o desaparecimento, a memória e o pertencimento em *Caderno de ossos*, obra escrita por Julia Codo

Nélida Campos
Especial para o Correio das Artes

Fiz a leitura de *Caderno de ossos*, de Julia Codo, publicado pela Companhia das Letras em 2025, e me impressionou profundamente a forma como o romance retrata uma memória capaz de perdurar por anos na vida daqueles que permanecem esperando. Não saber onde está alguém desaparecido, não poder realizar o ritual da despedida e, ainda assim, ter de viver um luto suspenso, impede que se coloque um ponto final na história. A pessoa ausente permanece habitando o mundo dos vivos.

O desaparecimento de alguém que amamos é uma das experiências mais dolorosas que podemos enfrentar. É como se aquela existência tivesse sido varrida da face da Terra, sem deixar rastros. Restam apenas perguntas, silêncios e uma esperança persistente de reencontro.

Em *Caderno de ossos*, a escritora paulistana constrói uma narrativa atravessada pela memória, pelos traumas familiares, pelos vestígios da Ditadura Militar e pela busca de pertencimento. A protagonista retorna ao Brasil motivada por inquietações que ela mesma não consegue nomear completamente. O desgaste do casamento, a relação difícil com a mãe, o adoecimento do avô e uma sensação difusa de deslocamento parecem impulsioná-la de volta ao país e à casa da família.

Segundo a autora, o romance nasceu justamente de um momento de profunda angústia pessoal e da percepção de que o Brasil ainda vive os ecos de um passado mal elaborado.

"Sentia que estávamos vivendo os ecos desse passado mal elaborado, jogado para debaixo do tapete. Acredito que tenha nascido daí essa vontade de remexer, de escavar a memória do país por meio da literatura", explica Julia Codo.

A escritora conta que, antes mesmo da trama estar definida, surgiu a imagem de uma mulher misteriosa de cabelos cobrindo o rosto, além da frase que abre o romance: "Eu sonhei que a Eva estava com frio". A partir daí nasceu a ideia de uma narradora que tentaria reconstruir a história de uma tia desaparecida sem possuir todas as peças do quebra-cabeça.

Essa ausência de respostas estrutura toda a narrativa. Como destaca a autora, trata-se de uma "história esburacada", construída a partir de lacunas. Daí surgem os diversos buracos que atravessam o romance: a vala clandestina, o buraco na garagem, o buraco do olho da boneca, os vazios emocionais da narradora e até os espaços deixados pelas demolições urbanas.

Buraco como **símbolo** da **memória**

Ao chegar a São Paulo, a protagonista encontra um enorme buraco no terreno da casa do avô. Escuro, profundo e perturbador, ele rapidamente adquire uma dimensão simbólica.

Esse vazio parece dialogar diretamente com a interioridade da personagem: um espaço de perda, confusão e travessia. É também um reflexo dos vazios deixados pela história familiar e pela própria história nacional.

A autora confirma essa leitura ao afirmar que os buracos funcionam simultaneamente como elementos concretos e simbólicos:

"Vieram os buracos físicos e simbólicos, da história, da própria vala que é um buraco, o buraco negro, o buraco da garagem, o buraco do olho da Eva e da boneca, o vazio que a narradora sente na alma".

Fragmentos, restos e **assombros**

Outro aspecto marcante do romance é a presença de objetos inquietantes, especialmente o olho e o braço da boneca, que produzem forte sensação de estranhamento.

Questionada sobre esses elementos, Julia Codo afirma que eles possuem papel fundamental na narrativa. "Representam o assombro, o horror, que se relaciona com a história nacional e familiar da narradora. São também restos, pedaços do que sobrou, vestígios do passado, algo material que fica para contar".

Para a autora, o estranhamento é uma ferramenta literária capaz de nos fazer olhar a realidade mais de perto. Quando isso acontece, percebemos que a própria realidade pode ser mais perturbadora do que a ficção.

Esses fragmentos materiais dialogam diretamente com a estrutura do romance, composta por memórias da infância, sonhos, pesquisas, anotações encontradas em cadernos e tentativas frustradas de reconstruir uma história marcada pela ausência.

Foto: Renato Parada/Divulgação

Segundo Codo, o romance nasceu justamente de um momento de profunda angústia pessoal e da percepção de que o Brasil ainda vive os ecos de um passado mal elaborado

Os sonhos desempenham papel importante na narrativa e podem ser interpretados de diversas formas: como manifestações do inconsciente, mecanismos de elaboração psíquica ou mensagens simbólicas que insistem em emergir.

A recorrência dos sonhos reforça a ideia de que aquilo que foi reprimido — individual ou coletivamente — encontra formas de retornar. Eles funcionam como pontes entre passado e presente, entre memória e esquecimento.

A **Ditadura Militar** e a **Vala** de **Perus**

Um dos aspectos mais impactantes de *Caderno de ossos* é sua aproximação com a memória da Ditadura Militar brasileira e com a questão dos desaparecidos políticos.

A busca da protagonista por respostas sobre a tia Eva dialoga diretamente com os acontecimentos históricos concretos, especialmente a vala clandestina do Cemitério Dom Bosco, em Perus (SP), onde foram encontradas milhares de ossadas, incluindo restos mortais de desaparecidos políticos.

A construção desse aspecto do romance exigiu um intenso processo de pesquisa.

Julia Codo relata que uma das pessoas fundamentais para a escrita foi Amelinha Teles, que compartilhou a sua experiência pessoal como presa política e apresentou à autora documentos importantes sobre a Vala de Perus.

Posteriormente, a escritora também teve contato com Edson Teles, vice-coordenador do Centro de Arqueologia e Antropologia Forense, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), responsável pelo trabalho de identificação das ossadas.



Imagem: Reprodução/Cia. das Letras

Fotos: Itamar Miranda/Estadão Conteúdo

À sombra da ditadura: registros das ossadas no cemitério Dom Bosco, em Perus, São Paulo, no ano de 1990

"Conhecer esse centro, poder ver o lugar e as ossadas com meus próprios olhos, conversar com Edson e entrevistar uma das técnicas do projeto me deu muito material para a criação", afirma Codo.

A autora paulistana destaca ainda que os acontecimentos relacionados à preservação e identificação dessas ossadas ocorreram simultaneamente ao processo de escrita, influenciando diretamente a construção da narrativa.

Pertencimento e reconstrução

Embora trate da memória política e dos desaparecimentos, *Caderno de ossos* também é uma história sobre pertencimento.

Ao retornar ao Brasil depois de anos vivendo fora, a protagonista experimenta uma condição ambígua: sente-se estrangeira e familiar ao mesmo tempo. Precisa reencontrar seu lugar na família, no país e em si mesma.

Julia Codo reconhece essa dimensão da obra. "Ela está tentando se reorganizar afetivamente e se reaver com o que lhe pertence: a própria família e o próprio país, redescobrir quem é, recuperar a autonomia e o desejo".

A autora observa que a personagem é atraída por aquilo que simultaneamente rejeita e deseja compreender. É como se fosse puxada pela força gravitacional daquele grande buraco simbólico formado pela casa, pela família e pela própria história nacional.

Depois de anos vivendo fora do Brasil, a protagonista de *Caderno de ossos* experimenta uma condição ambígua ao retornar: sente-se estrangeira e familiar ao mesmo tempo

Sobre aquilo que retorna

Ao articular memória íntima e memória coletiva, *Caderno de ossos* demonstra que os desaparecimentos não pertencem apenas ao passado. Eles continuam atravessando gerações, moldando afetos, identidades e silêncios.

Entre sonhos, ossos, objetos fragmentados e relações marcadas pela ausência, Julia Codo constrói um romance que convida o leitor a enfrentar perguntas difíceis: o que escolhemos esquecer? O que permanece enterrado? E o que inevitavelmente retorna, exigindo ser lembrado?

Mais do que uma narrativa sobre desaparecidos, *Caderno de ossos* é uma reflexão profunda sobre memória, luto, identidade e reconstrução. Um romance que nos lembra que certas histórias jamais desaparecem completamente — elas permanecem à espera de quem esteja disposto a escutá-las.

Nélida Campos é professora, escritora e idealizadora do canal *Páginas em diálogo*. Autora do livro infantil *As aventuras de Pepeu e Rafa* (Flamingo, 2023), *Dançando na chuva: A arte de celebrar nas tempestades* (Editora A União, 2025), *O que falta é café* (Urutau, 2026).

Poemas de

José **Trindade**

Ruínas

"Essas feridas da vida, Margarida
essas feridas da vida, amarga vida..."
(Vital Farias)

Inimigo do fim
apego-me às cinzas
às ruínas e aos escombros
ansioso
pela reconstrução.

Até perceber
— para meu assombro —
que a molécula rompida
não se restaura
em comunhão.

Quando muito,
forma cacos,
sobras, fragmentos
de vidro
opacos
iguais aos que se usavam
nos muros de antigamente.

E, assim como tais fragmentos
— que laceram a carne
de quem os violar -,
no mesmo passo caminham
as ruínas da imaginação

[porque toda lembrança
é alterada pela criatividade
da mente que dela se lembra]

pedra talhada
para ser faca
solo arado
para ser árido
sementes que jamais brotarão.

E, assim,
quanto mais me apego às vinhas
das memórias idas
mais azedo se faz
o escorrer
da recordação.

Suave saudade

"Como se a escarpa desta vida fosse
o mais suave de todos os caminhos"
(Mário Pederneiras)

No estacionamento
do shopping
baldio

À meia luz
de um restaurante
tardio

Seremos nós
um ao outro
um grito de paz

Estaremos
eternamente,
ainda que sós,
seguindo caminhos iguais.

Poema afetuoso

Se a liberdade é vento
onde tudo cabe (como nos
disse Leminski)

O afeto é casa que tudo abriga
e tudo acolhe.

Na aridez, sendo chuva,
planta e colhe.

Mitiga a dor, a ressaca

e a fadiga.

Literatura
em que toda imagem é viva.

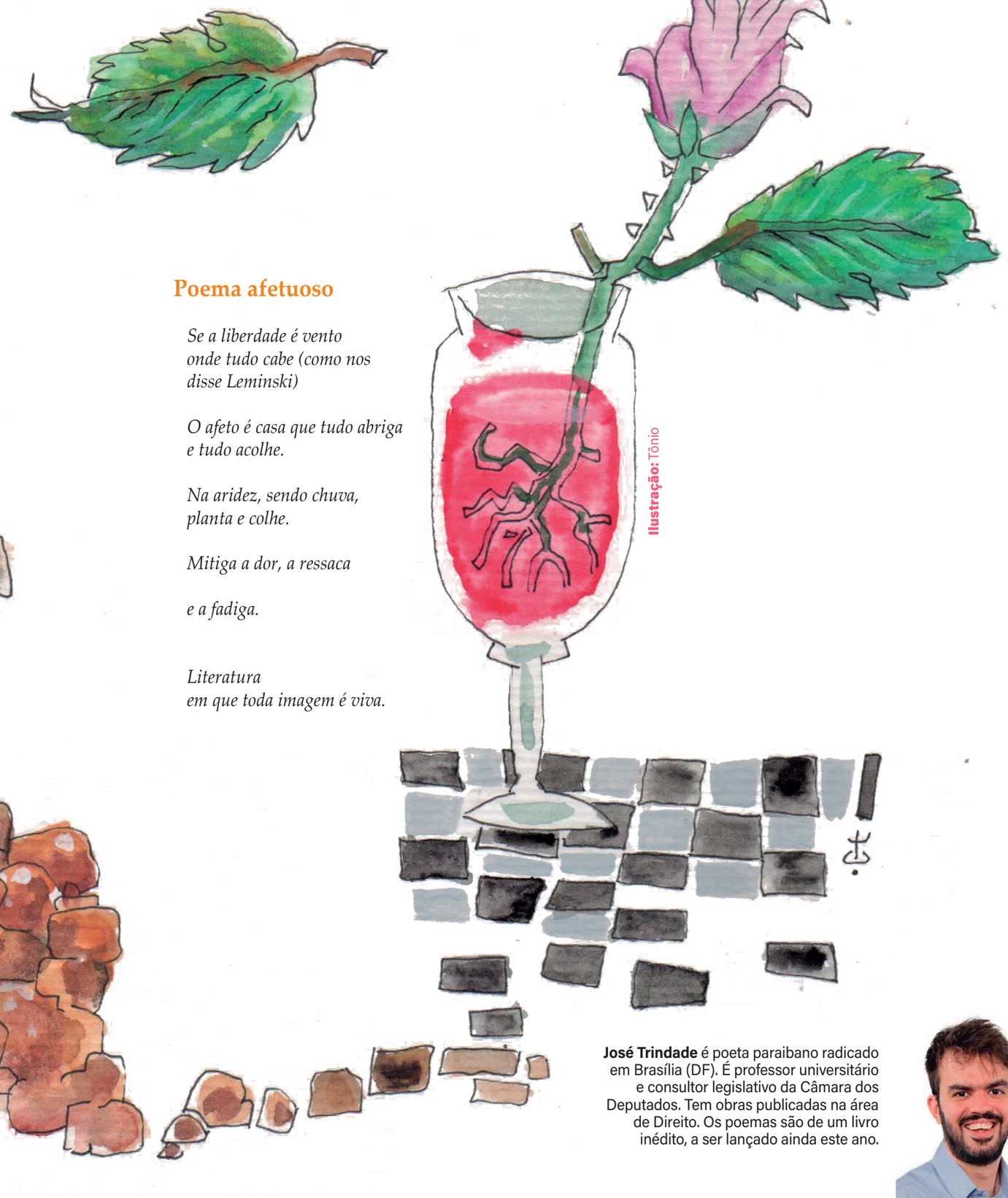


Ilustração: Tônio

José Trindade é poeta paraibano radicado em Brasília (DF). É professor universitário e consultor legislativo da Câmara dos Deputados. Tem obras publicadas na área de Direito. Os poemas são de um livro inédito, a ser lançado ainda este ano.

Mônica Câmara

Wagner Lima
Especial para o Correio das Artes

É no cotidiano que, às vezes, se repete inúmeras vezes diante de nossos olhos a fonte de inspiração que a fotógrafa Mônica Câmara encontra o extraordinário, capturado como imagem única, rara e particular. Essa é apenas uma das muitas características e qualidades estéticas de uma profissional que, desde a década de 1990, busca dialogar com os personagens ou tentar compreendê-los antes ou durante os cliques.

O exercício obrigatório e cotidiano do fotojornalismo durante anos no jornal *O Norte* não podou a sua poética imagética, assim como os anos de trabalhos com diversas ONGs em projetos sociais não tornou seu olhar essencialmente hermético. Muito pelo contrário! A vivência do cotidiano contribuiu para um filtro em que uniu a arte e o "ordinário cotidiano" em um só espaço-tempo da imagem.

As imagens captadas pelas lentes de Mônica Câmara, desde a década de 1990, trazem um Brasil profundo, real e, ao mesmo tempo, lírico, poético e lúdico. Do rosto esperançoso da menina indígena potiguara ao cachorro chupando um pedaço de cana-de-açúcar no meio do canavial, ao "urubu-rei" disputando território com os catadores no antigo e extinto Lixão do Róger, há uma clara intenção de se colocar como cronista de seu próprio tempo.


5 FOR 1
REAL
ALHOS
3 POR 1
Real




























Montreal




FAÇA 3 PEDIDOS



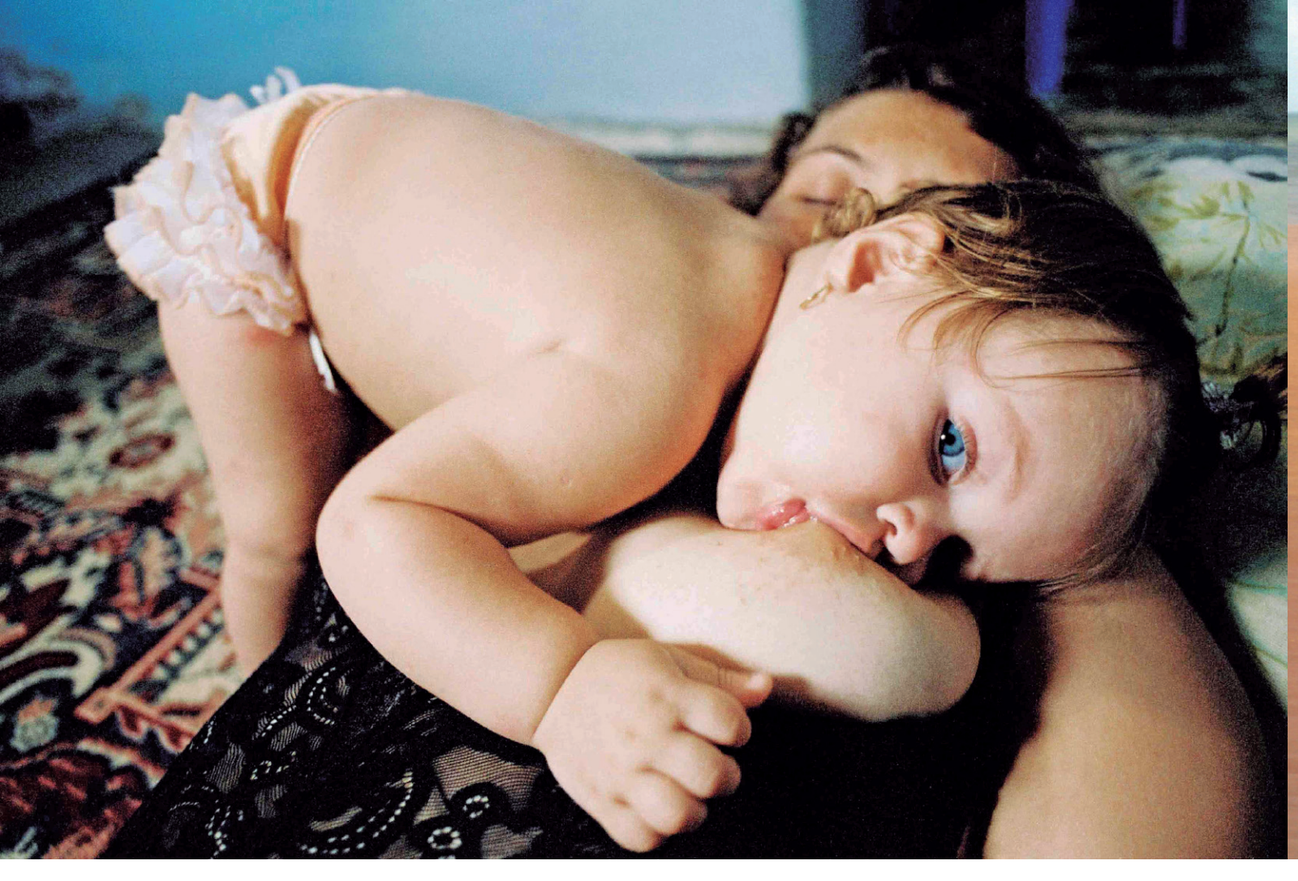

BRASIL








CAB-O-SIL
PETRIBU
NORTE






FUNERARIA
CAMINHO DO
INFERNO



Mônica Câmara é natural de João Pessoa (PB) e transita entre o fotojornalismo e o *designer* gráfico desde meados dos anos 1990, embora o exercício de ler/ver o mundo venha das muitas experiências despretensiosas desde a infância. É formada em Comunicação Social e mestra em Linguística (ambos na UFPB). Como fotojornalista, atuou no jornal *O Norte*, ao lado dos amigos e mestres Francisco França e Marcus Antonius. Teve seus trabalhos publicados aqui, ali e alhures... Graças a alguns deles, alçou voos, ganhou prêmios, desbravou a si e as muitas possibilidades de caminhos. Atualmente, é *designer* gráfico na Editora Universitária da UFPB e fotógrafa *freelancer*. Sua paixão pela paisagem humana continua perseguindo o cheiro, a música, a poesia, o jeito, que sua gente tem de ser, de sorrir e de se dar.

Um **poeta** maior

Rinaldo de Fernandes
Especial para o Correio das Artes

A editora Patuá (SP) prestou um grande serviço à poesia brasileira publicando, em 2025, *Breves dias sem freio — poemas escolhidos (1967–2024)*, de Sérgio de Castro Pinto. O livro reúne poemas de *Gestos lúcidos* (1967), *A ilha na ostra* (1970), *Domicílio em trânsito* (1983), *O cerco da memória* (1993), *Zoo imaginário* (2005), *A flor do gol* (2014) e *Brando fogo das palavras* (2024). É a segunda obra que a Patuá lança do autor, que antes publicou cinco títulos pela Escrituras (SP). Dele a Civilização Brasileira (RJ) já tinha lançado *Domicílio em trânsito*.

A poesia de Sérgio é contida, cerrada, sem derramamentos líricos, adiposidades. É um poeta do mínimo, que pensa cada palavra do verso, acomodando-a no ritmo exato, e investindo na imagem desconcertante: "sou um tênue e frágil talo pendente / debruçado sobre as águas de um rio / sequer tenho margens, apenas frio" (*Improviso II*).

A consternação que acaba comovendo o leitor aflora em *Jogo frugal*, dedicado à Alda Lúcia, a esposa falecida. Na primeira estrofe, ecoa uma espécie de grito pela amada ausente: "amor cego por ti!". E a dor da perda se materializa de vez na estrofe final: "não escrevi à faca / o teu nome / no tronco do sapotizeiro, / mas na raiz // na mais profunda raiz de mim mesmo". Este último verso, alongando-se, ajuda a dimensionar o sofrimento do poeta.

A morte reaparece em *Cremação II*, mas tratada, no desfecho, com um toque sutil de humor machadiano: "às cinzas do meu pai / quero-me junto / e misturado: / fomos farinha de um mesmo saco!".

Os poemas de Sérgio são por vezes tão comprimidos que lembram *haicais*. É o caso da série de voos curtos (impactantes flagrantes poéticos) que integram o livro *Zoo imaginário*. Três exemplos. *A coruja*: "são todo ouvidos / os teus olhos / de vigília // olhos acesos, / luzeiros de sabedoria // olhos atentos / à geografia / de dentro // és uma concha // um encorujado / caramujo // monja em voto de silêncio"; *As cigarras*: "são guitarras trágicas // plugam-se / se / se / se / nas árvores / em dós sustenidos // Kipling recitam a plenos pulmões // gargarejam / vidros / moídos / o cristal dos verões"; *A araponga II*: "nunca mais ouvi a araponga // o seu canto de ferro / deve ter enferrujado // canto que cantava // as suas penas // canto que me fez um apenado".

Por fim, é de Sérgio um dos poemas mais bem realizados da literatura brasileira contemporânea — um verdadeiro ensaio psicanalítico em sete versos: *Atos falhos*: "sequer os ensaio // mas os meus atos / falhos / encenam-se assim: // eles já no palco / e eu ainda / no camarim".

Ler *Breves dias sem freio — poemas escolhidos (1967–2024)*, de Sérgio de Castro Pinto, é ter um encontro com um poeta maior.

Rinaldo de Fernandes é contista, romancista e professor universitário. É autor de diversas antologias de contos, além de romances, a exemplo de *Rita no pomar* (7Letras) — finalista do Prêmio São Paulo de Literatura 2009.

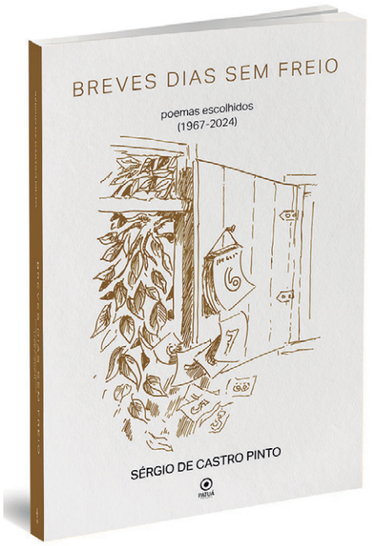


Imagem: Reprodução/Patuá

Obra reúne poemas de Gestos lúcidos, A ilha na ostra, Domicílio em trânsito, O cerco da memória, Zoo imaginário, A flor do gol *e* Brando fogo das palavras



Foto: Reprodução/Patuá

Poesia de Sérgio de Castro Pinto é contida, cerrada, sem derramamentos líricos, adiposidades

Artigo

Elizabeth **Marinheiro** em **múltiplas direções**

Texto apresentado na Academia Paraibana de Letras (APL), por ocasião da homenagem que o Sol das Letras prestou à paraibana

José Mário da Silva
Especial para o *Correio das Artes*

"Eu sou trezentos / eu sou trezentos e cinquenta", estes emblemáticos versos do permanentemente inquieto poeta paulistano Mário de Andrade, mentor do movimento modernista brasileiro, ajustam-se à saciedade, à pluridimensional personalidade da mestra de todos nós, a professora doutora Elizabeth Marinheiro, que está sendo meritoriamente homenageada, nesta aprazível tarde e noite que nos é propiciada pelo Sol das Letras — Pôr do Sol Literário, que, sob os auspícios do benfazejo teto da Casa de Coriolano de Medeiros, realiza um trabalho verdadeiramente notável no campo das letras e das artes, postas em cena no Estado da Paraíba, sendo, portanto, digno de todos os nossos aplausos e incentivo. Ao escolher homenagear Elizabeth Marinheiro, o Sol das Letras — Pôr do Sol Literário o fez em atendimento a éticos imperativos de reconhecimento a quem, de acordo com as palavras do imenso e inesquecível Alberto da Costa e Silva, é a grande dama da literatura paraibana.

Numerosa e multiplicada em seus diversificados fazeres, Elizabeth Marinheiro é tema para hermenêuticas de longo fôlego, deve ser objeto de pesquisa, metacriticamente falando, para teses universitárias que se proponham a cartografar tão produtivo e caleidoscópico percurso, tarefa, por óbvio, incompatível com esta sucinta apresentação, que, transida entre o afeto inevitável e a ciência necessária buscará, com o difícil estatuto da síntese, esculpir o perfil da paradigmática mestra de todos nós, merecedora, portanto, de todas as homenagens que lhe pudermos prestar, mesmo sendo o código onomástico Elizabeth, um signo que já transpôs de há muito as demarcações geográficas do Rio Sanhauá; voou pelos alentados céus de um continente chamado Brasil; e consolidou, consagradoramente, a sua travessia, longe, muito longe daqui, em Portugal, na Espanha, enfim, noutros centros, nos quais plantou a semente do seu muito saber literário.

Comecemos o nosso aligeirado périplo pela infância da menina Elizabeth Marinheiro, da filha de seu Agripino Agra e de dona Marié Figueiredo, que, desde cedo, sob o impacto das influências, dentre outras, do irmão Figueiredo Agra, descobriu, latejando em si, as inapagáveis chamas de um fervor literário que lhe aquecia, com ternura, a alma, nas noites da neblinosa "Rainha da Borborema", como a classifica, poeticamente, outro mestre gigante das terras paraibanas, o confrade Hildeberto Barbosa Filho. Chamas essas que crepitando sem arrefecimento, iluminaram-se em Recife, no Rio Grande do Sul, em Madri, em Portugal, na Argentina, na Casa de Machado de Assis, enfim, nas muitas tribunas que se escancaram para que, nelas, ecoasse a voz competente da respeitada teórica da literatura, da percuciente crítica literária, da cronista lírica e meditativa, da ensaísta primorosa, fonte de aprendizagem para tantos quantos fazem da literatura, diria Machado de Assis, a sua segunda alma.

A menina que sai de Campina Grande, com o bornal cheio de sonhos, com sede de eternidade e com ânsia de infinito, volta, trazendo no seu luminoso currículo, doutorado, pós-doutorado, livre-docência, frutos sumarentos de uma árvore frondosa, índice, ícone e símbolo de uma existência que, no dizer do escritor José Louzeiro, não nasceu com a vocação de mera contempladora do espetáculo do mundo, mas, sim, a de uma realizadora superlativamente distinta e operosa.

Da infância rumemos para o universo da Elizabeth Marinheiro, docente e formadora de inúmeras gerações de professores, entre os quais eu me incluo; gerações essas que receberam da ilustre cidadã da Guabiraba campinense, as primeiras e de-



Foto: Julio Cezar Peres



Elizabeth plantou a semente do seu saber literário pelo Brasil, além de outros países, como Portugal e Espanha

cisivas lições que nos nortearam na dura e fascinante travessia da educação, lamentavelmente, ainda não tornada prioridade em nosso tão rico e tão desventurado país. Na docência, quer no ensino médio, quer no ensino universitário, Elizabeth Marinheiro, visionária e antecipadora do futuro, sempre soube fazer do signo da inovação genuína o ponto de partida e de chegada das suas impactantes e transformadoras aulas.

No Colégio Estadual da Prata, o famoso "Gigantão", na contramão das inapropriadas, estéreis e contraproducentes metodologias de ensino, que insistiam em colocar em campos diametralmente opostos a língua e a literatura, Elizabeth Marinheiro, passando ao largo da gramatiquice enfadonha, ao fazer da Língua Portuguesa, instrumento vivo de comunicação e expressão do borbulhante mundo interior de cada ser humano, a unia à literatura, essa mágica pátria da liberdade, de modo a fazer com que cada aula fosse, horacianamente falando, fonte de deleite e de ensino, aventura, sem fim, pelo universo sedutor de Manuel Bandeira, de Camões, de Fernando Pessoa, de João Cabral de Melo Neto, de Cecília Meireles; e de tantos outros, inclusive dos poetas e escritores locais, os quais, pioneiramente, a mestra campinense colocava no centro das suas exegeses e desassombrada abordagens. A prática da leitura de poemas em voz alta compatibilizava-se com as lições promanadas do pensamento do mestre Alfredo Bosi, que, em seu clássico livro: *Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica*, afirmou que quando um leitor identifica adequadamente a tonalidade predominante em um dado texto literário, já terá percorrido meio caminho para uma boa interpretação.

Foi aqui, no chão benfazejo dessa pedagogia diferenciada que emergiu, embrionariamente, a semente que, mais tarde, adubada, com amor e perseverança, fez brotar os corais falados dos Cecília Meireles e Manuel Bandeira, ponto de partida para a criação da Fundação Artístico-Cultural Manuel Bandeira (Facma), uma jovialíssima cinquentona que encantou o Velho Mundo; e fez com que, na espacialidade nobre da Academia Brasileira de Letras (ABL), o seu eterno presidente Austregésilo de Athayde exclamasse, embevecido: "Que coisa bonita, professora Elizabeth!". No âmbito universitário, Marinheiro, na contramão dos que ainda se mostravam, anacronicamente, aferrados ao biografismo resistente, e ao impressionismo insistente, trouxe, para perto de nós, com indiscutível senso de atualização, o variado repertório da Teoria da Literatura, inaugurado pelo Formalismo Russo, no início do século 20, sedimentando o que — na esteira do estruturalismo, da estilística, da fenomenologia, da semiótica, do *new criticism* anglo-americano — veio a compor o amplo painel da chamada Nova Crítica, da qual, sem adesões dogmáticas a este ou aquele enfoque, Elizabeth Marinheiro sempre mostrou sólido conhecimento.

Foto: Reprodução/Instagram



Festival Campinense de Música Popular foi um dos eventos que consolidou o Facma como um divulgador cultural da cidade

Desembarcamos, pois, na ensaística de Elizabeth Marinheiro, um capítulo à parte em seu particular *paideuma*, em seu originalíssimo modo de ler literatura. Seja na resenha curta, seja no ensaio vertical, a seara trilhada por Elizabeth Marinheiro recusa a rota batida da reduplicação do já dito; e, ao fazê-lo, não assina, enfim, pactos de convivência com aquela que, em tom de justa e procedente censura, Virgínius da Gama e Melo chamava de a crítica do papel carbono. Com ampla formação teórica, mas, acima de tudo, dotada de refinadíssima intuição, no trato com o fenômeno literário, em seus múltiplos modos de manifestação, Elizabeth Marinheiro, em seu magistério crítico, promove inesperadas conexões entre o mundo do texto e o texto do mundo, expondo e apagando os rastros das suas certeiras percepções, para, depois, as reencontrar, em novas, e ainda mais criativas, leituras.

Ensaística poética, metafórica, rica em luminosos e surpreendentes achados, a de Elizabeth Marinheiro, mais que fonte obrigatória de consulta, é deleitosa escola de imperdível aprendizagem. Já me sinto que alongo; e o faço não porque me apeteça cansar-vos, mas, sim, porque a homenageada não cessa de nos oferecer, sempre, novos ângulos, pelos quais podemos divisar perspectivas diferentes, e ainda mais abrangentes, de compreensão. Daí, não poder concluir esta breve apresentação da mestra campinense, sem pontuar, dentre outras alvissareiras realizações do seu modo de ser e de estar no mundo, nas cenas e cenários da paisagem cultural do Estado da Paraíba, a idealização e a mentoria dos monumentais Congressos Brasileiros e Internacionais de Teoria e Crítica Literária, os maiores que o Brasil já contemplou; e que, radicados em Campina Grande, fizeram de Campina Grande a tribuna mundial do pensamento literário.

Ainda hoje quando chegamos, em outras plagas deste gigantesco país; e nos identificamos como filhos de Campina Grande é muito comum ouvirmos a seguinte expressão: "Ah, Campina Grande, a terra de Elizabeth Marinheiro, dos congressos literários", os quais, diria o inesquecível confrade Evaldo Gonçalves de Queiroz, são auroras que jamais entardecerão. E o que dizer dos projetos sociais, que, coordenados por Elizabeth Marinheiro, levaram, não somente a arte, mas o pão, a sopa, para os mais vulneráveis social e economicamente? E o projeto Memória de Campina Grande, verdadeiro libelo contra a tão decantada amnésia nacional? E a coleção de prêmios literários que a mestra campinense tem como expressão distintiva da sua singular competência profissional? E o fato, igualmente relevante, de ter sido ela a primeira mulher a ingressar, pelo instituto democrático da disputa eleitoral voto a voto, na Academia Paraibana de Letras? E a sua participação decisiva na criação da Academia de Letras de Campina Grande? E a lembrança do seu nome para, meritoriamente, ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras? E a professora titular de Teoria da Literatura da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e emérita, com todos os méritos, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)? E a criadora do mestrado em Literaturas Marginais e Produção de Textos, cujo projeto, redigido de próprio punho, foi chancelado, de pronto, pelo Ministério da Educação e da Cultura Nacional?

"Seja na resenha curta, seja no ensaio vertical, a seara trilhada por Elizabeth Marinheiro recusa a rota batida da reduplicação do já dito"

Enfim, apostando no outro, e fazendo da cultura da partilha, o seu paradigma comportamental predileto, Elizabeth Marinheiro construiu um itinerário cujos méritos fazem dela um ser arrebatado para a imortalidade; a verdadeira imortalidade, a que, forrada pelo manto da estética e do trabalho, brasão da Casa de Coriolano de Medeiros, constitui-se em romance de suma dignidade no panteão literário da Paraíba e do Brasil.

Eis, aqui, mestra e amiga Elizabeth, com a assumida palidez do meu verbo, a apresentação que me coube fazer da sua ascensional travessia, da Guabiraba para o mundo.

Concluo, fazendo minhas, as palavras do inimitável tribuno, jurista, político e poeta Raymundo Asfora, que, ao encerrar oração que consagrou à exponencial figura de José Américo de Almeida, assim se pronunciou: "A memória pode ter falhado, mas no coração não ficou nada esquecido".

José Mário da Silva é professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e membro da Academia Paraibana de Letras (APL). Mora em Campina Grande (PB).

Artigo

Augusto dos Anjos em prosa

Rau Ferreira
Especial para o Correio das Artes



Na visão do autor do Eu, a escravidão era um recuo no tempo aos moldes arcaicos

Ilustração: Tônio

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos (1884–1914) consagrou-se poeta com o livro *Eu* (1912), cuja obra impressionista não encontra similitude literária. Foi para muitos o poeta cientificista, como traduziu-lhe Ronaldo Cunha Lima: "Cientificismo superlativamente arraigado" — escreveu ele — "tinha que peculiarizar um gênio que não se evadia dos superlativos" (*Revista da ALCG*, nº 6, Ano XXVII).

No dia 13 de maio de 1909 — data alusiva à abolição da escravatura no Brasil — o recém-formado bacharel comparece ao Teatro Santa Roza, localizado na capital da Parahyba, para proferir uma importante conferência.

O público altamente seleto, contava com presença do dr. João Lopes Machado, que presidiu a Parahyba de 1908 à 1922. Augusto, que retornara ao seu estado natal em 1908, já participava do *Nonevar* — jornal da Festa das Neves — e publicava n'**A União** os seus primeiros versos: *Budismo Moderno*, *Mistérios de um fósforo* e *Noite de um visionário*.

O seu pronunciamento naquela conferência mereceu publicação nas páginas d'**A União**, nos dias 20, 22 e 23 de maio daquele ano. Santos Neto também fez registro em seu livro *Perfis do Norte* (Garnier, 1910), assim como Castro e Silva em *Augusto dos Anjos: o poeta e o homem* (Irmãos Vitale, 1961).

Revela o autor que toda a sua capacidade filosófica interior avança para a obra definitiva da civilização, ao passo que "mata para todo sempre a influenciação nefasta dos rígidos cânones e cartapácios antiprogressistas".

O poeta vai em defesa do escravizado, este ser que o "eu psicológico" vive em noites enegrecidas, sofrendo a sua própria condição e cuja alma mais parece a fotografia de um túmulo. Escorraçado como um cachorro leproso, não encontra abrigo depois do chicote inquisitorial e tem seu trabalho ignorado. Como resultado, aparece-lhe o sentimento terrível do desvalor hereditário: de que ele não presta, de que seu destino é receber o despejo das objeções humanas, a canalhice infame do mundo e dos clãs da teocracia organizada.

O homem escravizado anula-se a si próprio, perde a dignidade que lhe é roubada. Na visão do articulista, a escravidão era um recuo no tempo aos moldes arcaicos, altamente repudiável no desempenho inferior de um destino secundário da ganância, e conclui:

> "Era a nossa própria carne, estirada na mesa miserável de um balcão e vendida às palhadas pelos mercadores sombrios, era talvez o coração de nossas mães, sangrando no planalto central da constituição de uma parcela despótica, de uma fração de transviados, que se havia divorciado da moral sociológica, e vivia dos retalhos musculares de uma população infeliz, azorragada pela mais degradante das sujeiras antinaturais".

Por fim, explica que a sanha libertária que assolou o Brasil antes da áurea lei não foi resultado da mão benéfica, mas da força gravitacional necessária, pois a gleba árida das fazendas não mais tinha a força de conter os cativos que, numa expansão repulsiva, fugiram dos maus-tratos e lembrando José do Patrocínio encerra a sua conferência com as seguintes palavras:

> Dizem que Virgílio, na sua *Eneida*, condensou o mundo romano, na altura e destino social, mas José do Patrocínio fez mais do que este porque, abrangendo o sentimento de solidariedade étnica, na sua figura universitária e imortal, deu expressão auto consciente ao mesmo e foi o Buda libertador dos últimos escravos que gemiam nas senzalas aberratórias da humanidade culta!

Com linguagem bastante rebuscada — talvez necessária ou muito culta para a sua época —, o conferencista faz um esquete de toda a problemática da escravidão no Brasil e no mundo, para dizer que somos escravizados também, da nossa ganância e das nossas convenções.

Acostumamo-nos a uma vida prazerosa do ter tudo nas mãos, e para manter essa "necessária" opulência somos capazes de reduzir à escravidão não apenas do corpo, mas o "ser" quando tangemos uma multidão de ignorantes, sem estudo e sem educação, sem o saber dos porquês da vida, apenas e tão somente para nos servir, e também aos poderosos nos tempos da eleição.

A escravidão, da forma como está sendo praticada nos dias atuais, nunca terá fim, pois o descamisado e de pés no chão, chega à reflexão de que sua aparente existência — como diria Augusto dos Anjos — é a miséria pachulenta de não prestar mais para nada, ser um escarro, dejeto, uma peste humana que se satisfaz em encontrar uma sua utilidade: servir aos desmandos dos seus "senhores" e ser objeto do chicote dos feitores eleitoreiros.

Augusto era — no dizer de Hermes Fontes e Antônio Torres — singular e plural: "Plural na qualidade dos poemas. Singular na quantidade de poetas com P maiúsculo" (Linaldo Guedes, *Nomes do século* – Editora A União, 2000).

A seu respeito escreve — o também poeta — Silvino Olavo, em artigo de luxo: "Augusto dos Anjos é, antes que tudo, um poeta cosmogônico. Por seu verbo falam, de uma maneira balbuciante e primitiva, todas as energias poderosas e obscuras que detêm o segredo do eterno mistério, a cujos umbrais parece ter chegado, atirado um grito e recolhido, com o eco de sua própria voz" (*Um gênio parahybano* – Editora A União, 1928).

Augusto dos Anjos faleceu em 12 de novembro de 1914, vítima de pneumonia, deixando para nós o seu grande legado poético.

Rau Ferreira é escritor, cordelista, poeta repentista e historiador, além de colunisrta do jornal **A União**. Entre seus livros publicados estão *Silvino Olavo* (2010) e *João Benedito: O cantador de Esperança* (2011). Ele também é integrante da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG).

Canção para um "CORAÇÃO CIGANO"

Uma **análise** da **composição** sobre a **inevitabilidade** e o **poder transformador** do **amor**

Rodrigo Falcão
Especial para o *Correio das Artes*

A canção "Quando o amor acontece", de João Bosco e Abel Silva, retrata a inevitabilidade e o poder transformador do amor, mesmo após desilusões passadas, mostrando como ele surge de forma avassaladora, curando e renovando, e a capacidade humana de se entregar novamente à paixão, com a intensidade que queima, seduz e enlouquece, superando dores antigas e expondo à vulnerabilidade de um "coração cigano" que busca o amor.

"Quando o amor acontece"
João Bosco / Abel Silva

Coração
Sem perdão
Diga, fale por mim
Quem roubou toda minha alegria
O amor me pegou
Me pegou pra valer
Ai, que é tanto querer
Muda o tempo e a maré
Vendaval sobre o mar azul
Tantas vezes chorei
Quase desesperei
E jurei nunca mais seus carinhos
Ninguém tira do amor
Ninguém tira, pois é
Nem doutor nem pajé
O que queima e seduz, enlouquece:
O veneno da mulher
O amor quando acontece
A gente esquece logo
Que sofreu um dia
Ilusão
O meu coração marcado
Tinha um nome tatuado
Que ainda doía
Pulsava só a solidão
O amor quando acontece
A gente esquece logo
Que sofreu um dia
Esquece sim
Quem mandou chegar tão perto
Se era certo outro engano
Coração cigano
Agora eu choro assim



Imagem: Reprodução/CBS

Música faz parte originalmente do disco Ai, Ai, ai de mim *(1986), de João Bosco*

Composta por João Bosco (ao lado) e pelo poeta Abel Silva "Quando o amor acontece" também foi regravada em outros álbuns importantes

Foto: Wilton Junior/Estadão Conteúdo

Compreensão da **música**

O eu lírico se mostra angustiado e questiona ao seu coração, sem saber explicar como o amor tirou a sua alegria, mudou o seu ser, e, até mesmo o tempo ao seu redor. Exemplo: "Coração / Sem perdão / Diga, fale por mim / Quem mudou toda minha alegria / O amor me pegou / Me pegou pra valer / Ai, que a dor do querer / Mudou o tempo e a maré / Vendaval sobre o mar azul..."

Nesse momento, o eu lírico chora, jura nunca mais querer a pessoa amada. Contudo, enfatiza que nenhuma força medicinal ou espiritual vence o desejo transmitido por uma mulher que ele denomina possuir "veneno". Exemplo: "Ninguém tira do amor / Ninguém tira, pois é / Nem doutor nem pajé / O que queima e seduz, enlouquece / O veneno da mulher..."

A canção fala que a ilusão o faz sofrer com um nome marcado e tatuado no peito (simbolizando a pessoa amada), e metaforiza a solidão pulsando como sua dor maior. Exemplo: "O meu coração marcado / Tinha um nome tatuado que ainda doía / Pulsava só a solidão..."

O eu lírico se mostra traído pelo próprio âmago, e diz ter esquecido das coisas que sofreu antes, mesmo sabendo da certeza de mais um engano e chora. Exemplo: "Esquece sim / Quem mandou chegar tão perto / Se era certo outro engano / Coração cigano / Agora eu choro assim".

Rodrigo Falcão é professor de língua portuguesa, crítico musical e foi colunista da Rádio Tabajara FM, com o quadro *Eu lírico* (2017-2018).



Tiago Germano
tdgermano@gmail.com

Ao rés da página

O **senhor** enfim **mudou** de **corpo**

Um **adeus** ao **mestre** Raimundo **Carrero**

Jornalista e pesquisador pernambucano deixou manuais fundamentais para o fazer literário, como *Os segredos da ficção*, *A preparação do escritor* e *A luta verbal*

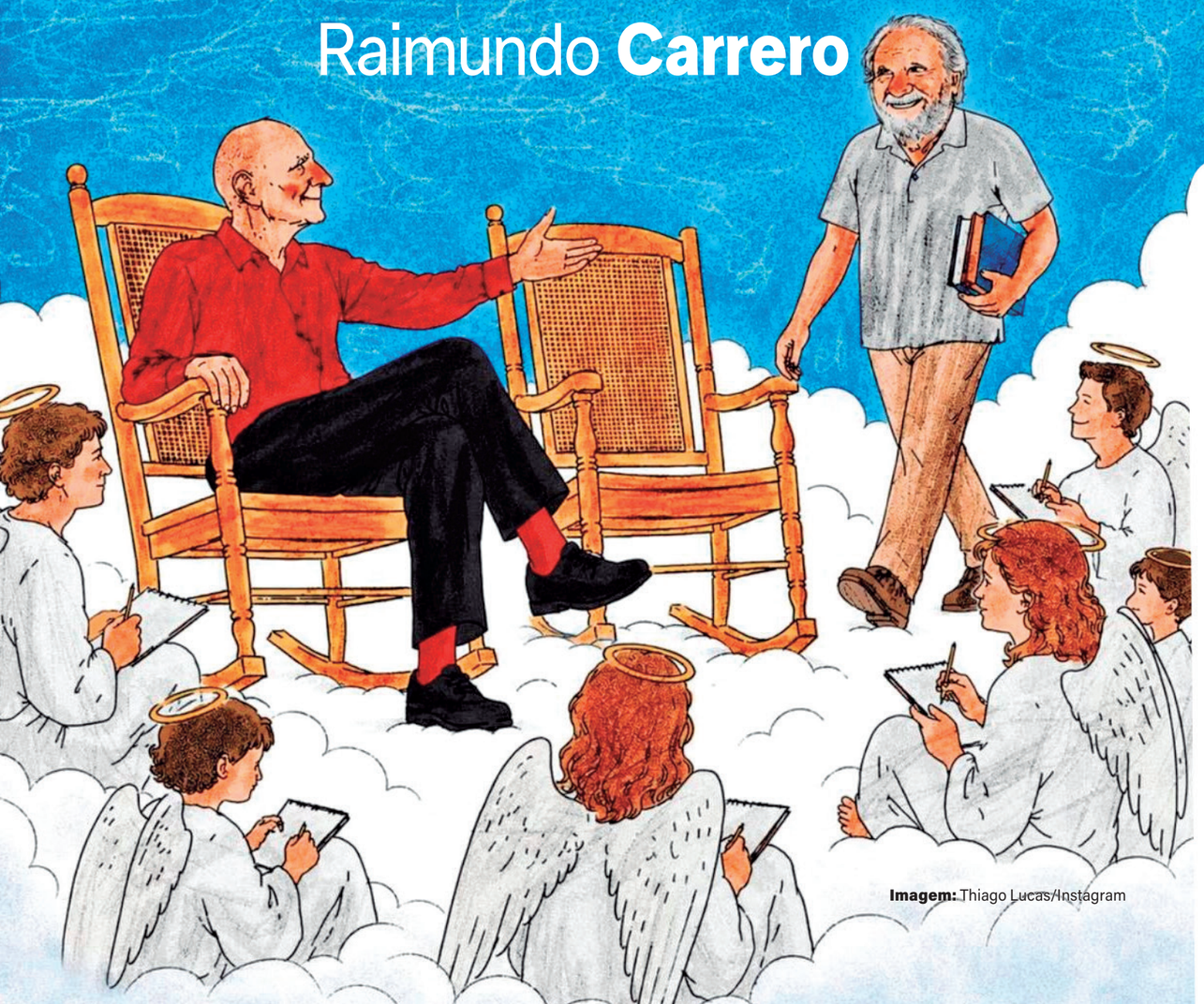


Imagem: Thiago Lucas/Instagram

Ao lado, charge assinada por Thiago Lucas para o Jornal do Commercio, *com o paraibano Ariano Suassuna esperando Carrero para continuar seus dedos de prosa no céu*

Na edição do mês de maio do *Correio das Artes*, eu falava sobre Luiz Antonio de Assis Brasil e Raimundo Carrero (1947–2026), a meu ver dois dos pilares da escrita criativa no Brasil. Pois eis que, algumas semanas depois, ruía um desses pilares: falecia Carrero, vítima do câncer, depois de mais de uma década convivendo com as sequelas de um AVC que sofreu em 2010, ano em que venceu o Prêmio São Paulo com *Minha alma é irmã de Deus* (Record, 2009), experiência narrada em *O senhor agora vai mudar de corpo* (Record, 2015) , obra que iria lhe conferir o troféu da Associação Paulista de Crítica de Arte (APCA) no mesmo ano da publicação.

Para além desta bibliografia recente, apenas uma ponta do *iceberg* de sua escrita, Carrero deixou manuais fundamentais para o fazer literário, a exemplo de *Os segredos da ficção* (Agir, 2005), *A preparação do escritor* (Iluminuras, 2000) e *A luta verbal* (Iluminuras, 2022). Esteve na Paraíba em 2005, numa edição do também tristemente finado Festival Nacional de Arte (Fenart), trazendo uma versão reduzida da oficina de criação literária que conduzia há décadas no Recife (PE), na qual participaram vários escritores daqui, a exemplo de Antônio Mariano, André Ricardo Aguiar, Cezar Sturba e Marcel Vieira.

Para mim, foi um evento especial porque nele conheci minha esposa, Débora Ferraz. Além de mestre, Carrero me foi cupido. Só depois daquela oficina fui descobrir dois títulos dele na biblioteca de uma tia: *A dupla face do baralho* (Francisco Alves, 1984) e *Sombra severa* (José Olympio, 1986). Nas dedicatórias, uma letra miúda que eu pensava conhecer em um livro meu e a assinatura: "Bebé". Perguntei à minha tia de quem se tratava e ela, sabendo do meu interesse pela literatura revelou: o próprio Carrero, vizinho delas em Salgueiro, de onde era natural, amigo dela que atendia por aquele apelido.

Pois o tal Bebé me reinventara como leitor para depois me modelar como escritor. Não esqueço nunca como mudou inteiramente minha percepção sobre *Madame Bovary* (1856), romance de Flaubert (1821–1880) que fundamenta a teoria de Carrero sobre romance, centrada na personagem e na construção de sua voz narrativa a partir de um princípio simples: "O autor não tem estilo, quem tem estilo é o personagem". As aulas que recebi dele hoje inspiram as minhas, ao tratar de passagens marcantes da obra como a cena dos comícios agrícolas, em que o escritor francês dá uma aula de plano e contraplano muito antes da invenção do cinema, e da cena da carruagem, em que Flaubert diz tudo sem mostrar nada, contrariando um velho preceito da literatura.

Enxergo Carrero em cada grifo da minha edição surrada, e até hoje me arrependo de ter presenteado um livro dele a uma ex-namorada que jamais devolveu, e que talvez lhe tenha servido porque hoje trabalha com publicidade, e até isso tem a ver com contar histórias. Nos dias que antecederam sua morte, estava em contato com sua esposa, Marilena Castro. Havíamos marcado uma aula de encerramento do curso de romance que ministro no Centro Estadual de Arte (Cearte), onde devia falar dele a cada aula, tentando inspirar novos escritores como ele também me inspirou. A aula teve que ser adiada indefinidamente quando Carrero foi internado. Gosto de pensar que ela vai ser dada ainda por ele, cada vez que alguém abrir um livro seu.

O luto me abalou sobremaneira. Carrero falecera quatro dias depois do meu cãozinho César (que eventualmente chamávamos de "Carneiro", numa rima hoje triste). Encavalei duas tristezas, que agora guardo no bolso. Explico: uma das maiores idiossincrasias do Carrero, que ele confessara perante a turma daquela oficina, era guardar um grande molho de chaves no bolso. Tinha viajado a João Pessoa com ele, e ido com ele ao Espaço Cultural José Lins do Rego, o que não fazia o menor sentido, já que dali voltaria ao hotel, e não para casa. Não sei se ainda mantinha esse hábito, mas lembro vagamente de mencionar isso no seu livro sobre o AVC, de que tinha ido ao hospital com esse mesmo molho de chaves no bolso, que quando ele andava balançava como um chocalho de um animal — um carneiro, talvez.

Ocorre que jamais precisei carregar o molho de chaves de minha própria casa, porque sempre havia alguém lá dentro quando eu chegava e bastava bater ao portão para que o cachorro, serelepe, começasse a latir e anunciasse a minha chegada. Hoje, o molho de chaves vai sempre ao bolso, imitando a mania do mestre.

Dias depois de sua morte, vi uma charge bonita de Raimundo, que era discípulo declarado de Ariano Suassuna (1927–2014), sendo recebido pelo mestre num céu armorial, cercado por anjos. Ariano enterrou uma cachorra em latim, não vejo por que não posso pensar que, nessa recepção, o meu Carneiro estava lá, recebendo o Carrero.

Até este texto, não havia conseguido escrever sobre os dois, talvez temendo a equivalência dos lutos. Mas aprendi com Carrero que um personagem se constrói a partir do olhar de um escritor sobre ele, e o meu hoje está turvado por essas duas perdas. Aprendi também que, bem ou mal, narrativa e leitor se entendem, e é aí que literatura pulsa.

Que essa pulsação traga os dois de volta, pelo menos no espaço entre estas linhas.

Tiago Germano é autor do romance *O que Pesa no Norte* (Moinhos, 2023), obra semifinalista do Prêmio Oceanos, e foi indicado ao Jabuti pelas crônicas de *Demônios Domésticos* (Le Chien, 2017). É professor de Escrita Criativa e mora em João Pessoa (PB).

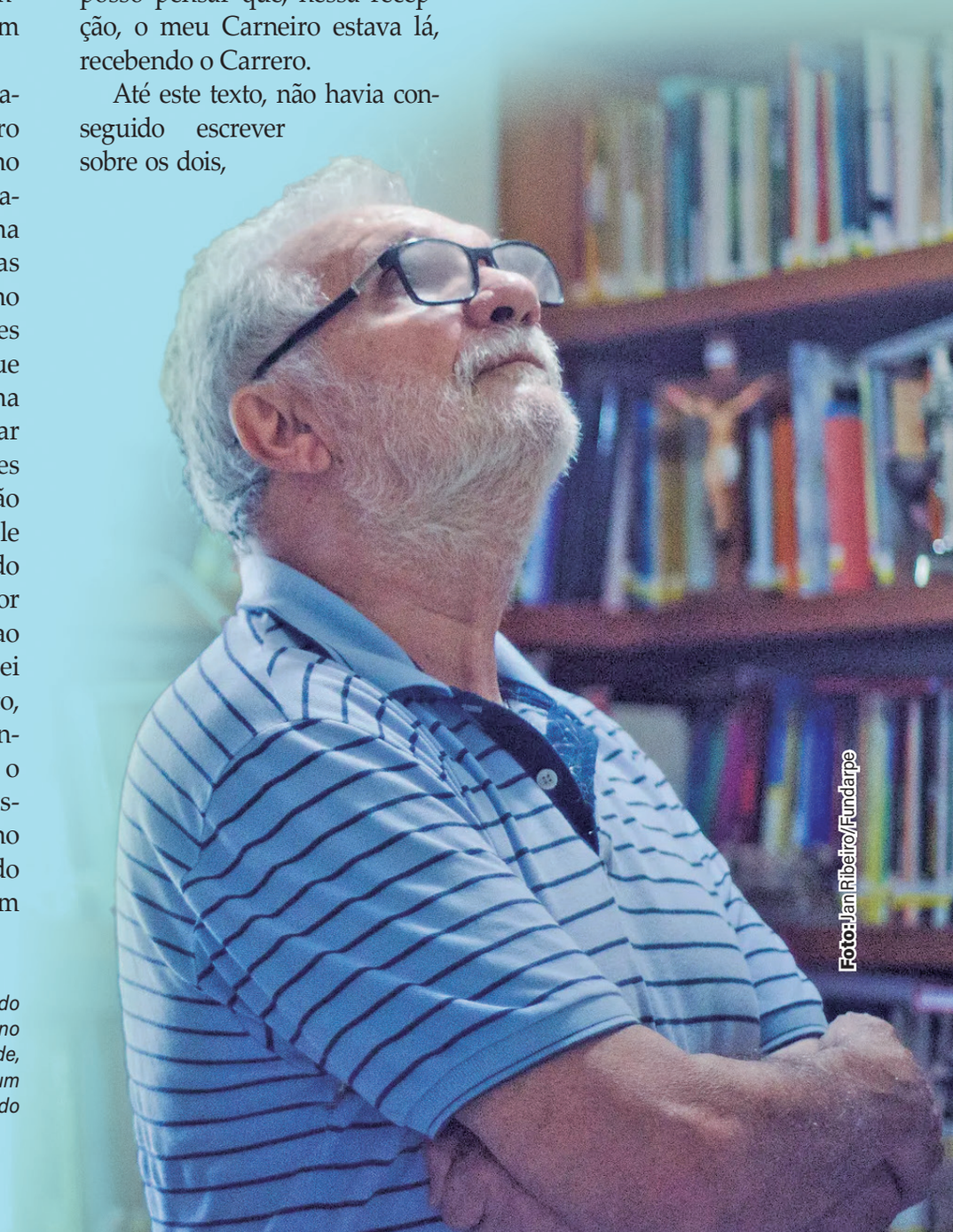


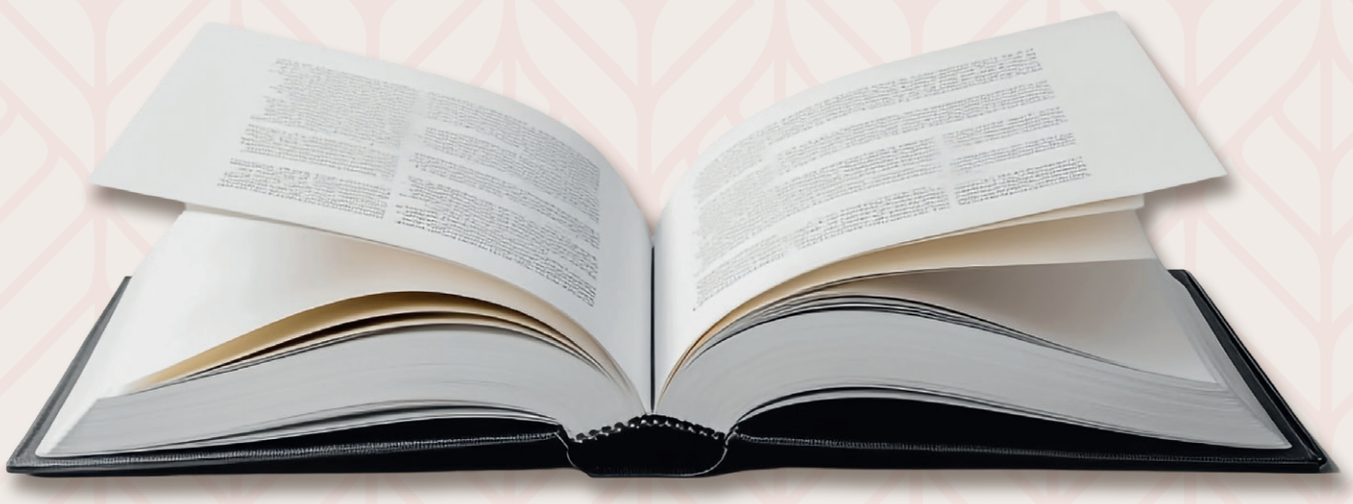
Foto: Jan Ribeiro/Fundarpe

Carrero morreu na madrugada do dia 16 de junho do corrente ano, no Recife (PE), aos 78 anos de idade, após complicações decorrentes de um câncer de pulmão em estágio avançado

VOCÊ, AUTOR

PUBLIQUE SEU LIVRO NA **EDITORA A UNIÃO**.

Da avaliação do original, passando pela edição, revisão, diagramação, até finalizar com a impressão, realizamos o trabalho completo de transformação do seu texto em obra.



Entre em contato e agende uma conversa:
(83) 99363-7083

EDITORA
A UNIÃO


A vida acontece com o Sesc
A vida acontece com educação, saúde, cultura, lazer e assistência.
Sesc
Fecomércio
Senac